

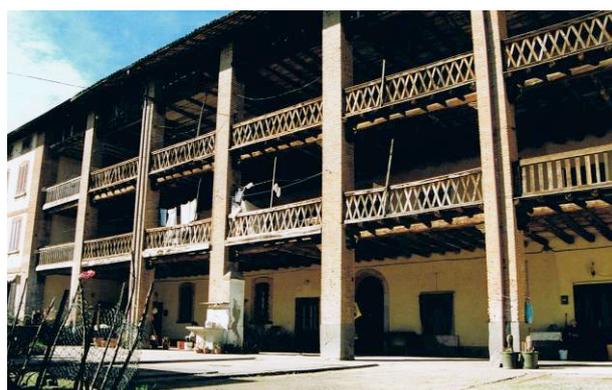
CAPÍTULO 2 - ALESSANDRO TIRLONI

Para descrever a sua incrível história humana, pudemos contar com muitíssima documentação reunida até os nossos dias, mas sobretudo contamos também com os relatos daqueles que o conheceram pessoalmente: os nossos avós.

Em particular, sinto-me no dever de citar e agradecer (porque é sobretudo graças a ele que agora posso escrever tudo isto), a meu avô Giuseppe (Peppino) Tirloni, que desde pequeno me fez ficar apaixonado, por meio de seus contos, pela figura e pelas ações – decididamente nada banais ou inenarráveis – desse nosso predecessor. Devo citar também o tio do Brasil, Alexandre Merico que manteve viva essa minha curiosidade nos anos seguintes ao desaparecimento de meu avô.

2.1 – Os primeiros anos

Alessandro nasceu em Bariano, na província de Bérgamo, na fazenda Corsa, no dia **26 de novembro de 1852**.



Fazenda Corsa (fotos fevereiro 2002)

Em nossos dias essa fazenda está situada no território municipal de Morengo, porque a construção da estrada de ferro – que se tornou um claro limite entre os dois municípios – fez com que os territórios existentes ao norte de Bariano fossem cedidos ao município vizinho. Entre os territórios de interesse dessa transição estava, também, a fazenda Corsa, que se situava a poucos metros da empedrada ferroviária.

Alessandro nasceu em uma família de colonos reideiros e foi o último dos cinco filhos. No momento de seu nascimento sua mãe Giovanna tinha 37 anos, enquanto que o pai Giovanni - pode-se fazer uma hipótese - talvez já tivesse 40 anos, e os dois, considerando a idade do primeiro filho Antônio que já tinha 17 anos, eles tinham se casado há pelo menos 18 anos. Não se pode excluir, portanto, que Alessandro não tenha sido um filho desejado pelos pais, mas como se costumava dizer naqueles tempos, um filho que “aconteceu”.

Alessandro foi batizado na igreja de Bariano, fato que se deduz também pelo seu certificado de casamento, mas até hoje não foi encontrado o seu certidão de batismo.

A família Tirloni não morou na elegante parte da casa da fazenda com uma dupla sacada – muito rara, aliás, na arquitetura rural bergamasca – que distinguia a casa da fazenda, mas ao contrário viveu numa das mais simples e pobres casas dos rendeiros, colocadas defronte da casa principal da fazenda. De acordo com o Registro Municipal, a família viveu na casa 51, colocada sobre o andar superior, sobre a entrada principal da fazenda.

Considerando as dimensões do edifício, deve-se supor que a parte da casa ocupada pelos Tirloni fosse muito pequena (dois ou três quartos no máximo, com mais um lugar para a cozinha) e todos vivendo apertados, como infelizmente ocorria nas pobres famílias dos rendeiros.

Sobre a parede externa da casa que era voltada para a campina, estava pintada (e permanece até os dias de hoje) uma pintura mural representando a Santa Virgem.



Fazenda Corsa : Casa onde nasceu Alessandro Tirloni (fotos ano 2010)

Alessandro perdeu o pai sendo ainda criança, e o encargo de genitor foi assumido por seu tio paterno Giuseppe – que se tornou o novo chefe da família – e pelos irmãos mais velhos. Alessandro, crescendo, demonstrou bem de pressa sua insatisfação em relação a seus irmãos, pois estes não faziam nada para melhorar a sua condição econômica de colonos rendeiros. Para eles, era suficiente ter um pouco de dinheiro para gastar na bodega, mas para Alessandro, que desde jovem teria sido muito apegado ao dinheiro, a passividade dos irmãos era absolutamente inconcebível.

2.2 – A escolha de emigrar para o Brasil

Naquele tempo, as condições de vida para as classes pobres eram muito difíceis. As privações e dificuldades estavam na ordem do dia, e a iniciativa pessoal daqueles poucos que procuravam progredir era sempre contrariada de imediato pela realidade da situação do tempo, principalmente para os colonos rendeiros.

Os colonos rendeiros trabalhavam na terra dos patrões, e a economia rural impunha que também aqueles poucos pedaços de terra oferecidos a eles, para cultivar algo para o próprio sustento, eram cedidos com aluguel. E até para pagar esse aluguel se estabelecia que o que se colhia naqueles pedaços de terras, era dividido em 50% com os patrões, que obviamente esperavam receber a melhor parte da colheita. Os colonos rendeiros não só não trabalhavam a própria terra, mas precisavam dar ao patrão a metade daquilo que produziam nos seus pequenos pedaços de terra.

Para todos os colonos rendeiros, o sonho maior era aquele de serem proprietários da terra em que trabalhassem, e a proposta do Novo Mundo, no qual havia muita terra pronta para ser dada a todos aqueles que a requeressem, era um sonho irresistível, bem como para as poucas pessoas que não se curvavam ao destino da situação em que haviam nascido, mas que, pelo contrário, tinham vontade de evoluir e emancipar-se.

Pode-se muito bem compreender que Alessandro, um jovem determinado, com muita vontade de progredir, e a quem não faltava coragem, ficava cada vez mais incômoda a vida em Bariano, junto de seus irmãos que, ao contrário, pareciam conformados em sua resignada simplicidade.

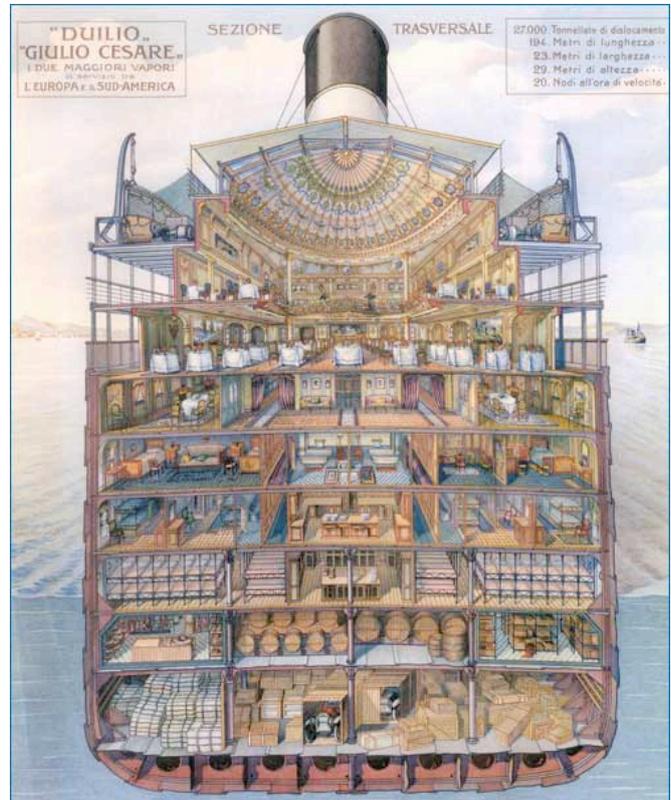
Na realidade daquele tempo, faziam muito eco os relatos, muitas vezes de pura fantasia, sobre as terras longínquas que todos genericamente chamavam “La Mérica”. Por meio de uma intensa propaganda, estes lugares eram descritos como autênticos paraísos, nos quais a riqueza e a felicidade estavam ao alcance das mãos de qualquer um. Na Itália havia verdadeiros recrutadores de imigrantes que, tripudiando sobre a ignorância popular, descreviam o Brasil como um país da “Cuccanha”, uma terra onde *“corriam torrentes de leite e de mel! Onde as plantas produziam salsichas, onde havia seis estações de clima quente, e as montanhas eram abarrotadas de ouro e de pedras preciosas!”* Ainda hoje, no Brasil, os nossos parentes mais velhos recordam aquilo que os velhos imigrantes contavam: “Na Itália diziam que no Brasil existia uma planta que dava como fruto as salsichas”. Esta planta foi revelada como sendo a bananeira.

A tudo isso acrescenta-se o fato de que o governo brasileiro ajudava os colonos, seja dando a terra gratuitamente, seja oferecendo aos colonos uma ajuda de várias espécies, e por um certo período, a viagem para o Brasil na terceira classe dos navios era grátis. É fácil, portanto, pensar que miragem representava tudo isto para uma mente frágil e faminta. Todas essas notícias procediam diretamente da propaganda dos postos de imigração.

Os opúsculos de propaganda apontavam também sobre as ilustrações dos

navios que faziam a rota entre a Itália e o Brasil, ilustrações essas que eram mostradas com todo seu esplendor, garantindo uma viagem cômoda e sem problemas.

Talvez essas notícias chegaram também a Bariano, e foram ouvidas por Alessandro...



Paginas de propaganda (segunda metade '800)

Embora a respeito disso não existam provas orais, mas tenhamos apenas uma anotação colocada a lápis em um registro amarelado pelo tempo, na família Tirloni foi verificado um caso de alguém que se rebelou contra a sorte e foi tentar fazer fortuna emigrando: Giovanni Battista, um dos irmãos de Alessandro, 15 anos mais velho, que parece ter emigrado para a América, mas não se sabe em que data, nem para onde.

Talvez, induzido pelo exemplo do irmão mais velho, mas sobretudo pela vontade de melhorar de vida, Alessandro decidiu realizar aquilo que, por todos os efeitos, pode-se chamar de "O grande passo": **Emigrar para o Brasil!**

Presumivelmente os seus irmãos se transferiram, em seguida, para a fazenda Seriana de Morengo, onde permaneceram por muitos anos. Atualmente essa fazenda está desabitada, mas os descendentes dos Tirloni da fazenda Seriana ainda vivem em Marengo. Esta é a única notícia que até agora temos de todo o resto da família de Alessandro que permaneceu na Itália. (Estas indicações foram feitas pelo senhor Bettani Battista, atual proprietário da fazenda Corsa).

Sobre a data de partida para o Brasil, há muitas divergências, e até agora não foi encontrada nenhuma prova escrita ou testemunho comprovado. Meu avô Peppino

dizia que Alessandro tinha partido com 17 anos, portanto em 1869/1870, com apenas 40 liras no bolso, o que para um emigrante eram muito poucas. Um tio do Brasil, que muitas vezes visitou a Itália, de nome Alexandre Merico, memória histórica autorizadíssima de nossa família, sustentava, em vez, que a partida havia ocorrido em torno de 1873/1875. De seguro sabe-se que as primeiras notícias de Porto Franco são de 1876, e aliás, o próprio município, baseado em estudos, coloca como data de sua fundação o período compreendido entre maio e junho de 1876.

Um dado que reforça a tese de uma partida mesmo neste ano é reportada em um livro escrito em 1892 que, falando do território da baixada bergamasca, assegura que a mais numerosa onda de emigração em direção à América ocorreu de fato em 1876. “...Só da pequena Bariano emigraram mais de 200...”.

O que será que Alessandro teria pensado no seu último dia vivido em Bariano?... Talvez o sonho de uma vida melhor tenha sido um estímulo muito forte para animá-lo ainda mais. Quem sabe que emoções teria provado quando pegou suas poucas coisas – talvez fechadas dentro de uma mala de papelão – e saiu da casa, na qual tinha vivido toda a sua vida, para ir ao encontro do desconhecido...

Quem sabe se teria voltado o olhar na direção da pintura da Santa Virgem (que estava estampada sobre o muro externo de sua pobre casa, sobre o arco de entrada meridional) e teria feito uma oração ou uma intercessão, dirigida àquela que seguramente era considerada pela gente da fazenda como a “sua” Madonina.



Cascina Corsa : particolare del dipinto mariano murale (fotografie – anno 2010)

Não sabemos se Alessandro era um crente devoto e observante de sua religião,

como, aliás, é toda a sua descendência, e como particularmente a totalidade da gente daquele tempo. A precaução e determinação que sempre o distinguiram deixa quase a imaginar que se tratasse de uma pessoa não muito inclinada aos sentimentos religiosos e à fidelidade...

Não nos é dado sabê-lo, mas com certeza não deve ter sido um momento fácil, nem sequer para um jovem determinado e ambicioso que já tinha um caráter decididamente duro e forte, o que, aliás, sempre o distinguiu.

Certamente a “santa ignorância” - com esse termo se quer dizer literalmente a “falta completa de cultura” - teria sido uma ajuda, pois Alessandro não sabia absolutamente o que iria encontrar pela frente, e portanto não se lhe colocava nem sequer o problema daquilo que poderia acontecer. Admitindo que tivesse sabido que se falava uma língua estrangeira, e que a natureza era completamente diferente daquela da nativa planície bergamasca, seguramente ele não tinha sequer a capacidade de intuir plenamente o que significariam obstáculos desse tipo.

Acrescente-se ainda o fato de que os emigrantes, muito provavelmente, eram voluntariamente deixados no desconhecimento do longo tempo que deveriam gastar na viagem, antes de chegar à sonhada meta da terra americana. A falta de cultura impedia de realizar o conceito absoluto de “distância”. Na mente simples da pobre gente, habituada a raciocinar usando como termo de comparação a própria realidade local e a própria vivência, os 50 km que separavam a cidade de Milão da cidade de Bérghamo, fazia com que esses dois lugares fossem considerados como “muito distantes entre eles”. Falar da América estava absolutamente fora de sua possibilidade mental, como poderia ser para nós falar de viagens espaciais!

Nas crônicas dessas viagens, bem como pelas recordações diretas que faziam, na época, muitos emigrantes, muitas vezes ouvia-se dizer que pessoas embarcadas em Gênova, e tendo o navio feito escala depois de alguns dias de navegação, por exemplo em Nápoles ou em qualquer porto da França meridional, essas pessoas acreditavam de já tinham chegado na América...

Basta pensar que Alessandro nunca havia visto o mar, e agora se apresentava para atravessá-lo!... Eis o mar, esse desconhecido! Com certeza não foi fácil e rápido chegar até Gênova, partindo de Bariano. Não se sabe como chegou, mas pode ser que tenha gastado mais de um dia só para chegar a ver, pela primeira vez em sua vida, essa novidade: o mar.

Não se sabe com certeza em que navio Alessandro embarcou, mas é muito provável que se tratasse do navio (naquele tempo chamado de “vapor”, ou também de “bastimento”) de nome “Norte América” que, por estudos feitos no Brasil, chegou de Gênova em 1876 com cerca de 900 emigrantes. Durante esta viagem por mar, Alessandro encontrou-se com as famílias Morelli, Maestri, e Cavalca. Com o tempo estas famílias acabaram ligando-se a ele por vínculos de parentesco matrimonial.

A travessia durava cerca de 35 a 40 dias, e foi para todos uma experiência traumática. A fome, o frio, as dificuldades de todo tipo, como também a falta de higiene, tornavam-na um autêntico inferno. Os dormitórios de terceira classe eram deslocados abaixo do nível do mar, (coisa ocultada nos opúsculos) e por isso a renovação do ar era praticamente inexistente. Ocorria às vezes que por causa da grande afluência de emigrantes nos navios, eram criados quartos improvisados onde pouco antes estava armazenado o carvão para as caldeiras, e obviamente tudo isto era feito sem antes fazer alguma limpeza.

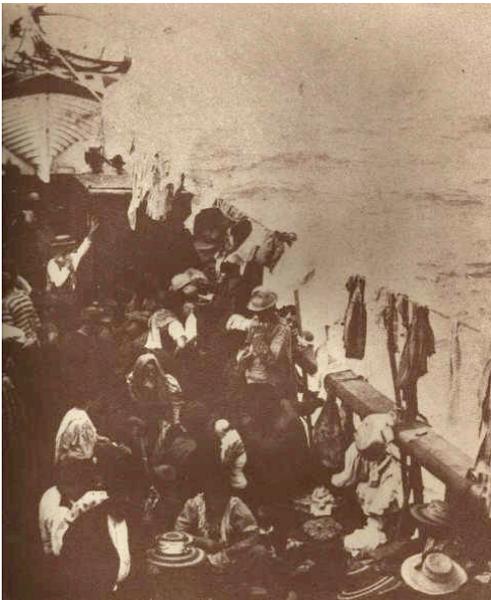


Dormitórios de terceira classe (foto fim '800)

As crônicas assim descrevem estas verdadeiras viagens da esperança: “Por causa do frio o emigrante se jogava sobre o leito, vestido, e com os sapatos nos pés. Ali depositavam os pacotes e as malas. As crianças ali deixavam a urina e as fezes, e mais ainda, ali vomitavam”. Depois de alguns dias, cada cama se tornava “um covil de Cachorros”.

Nos dormitórios o ar se tornava, bem depressa, irrespirável, e então os emigrantes, de vez em quando, para fugir dos sórdidos dormitórios comuns, subiam para a cobertura para respirar, pálidos, tremendo de frio, com a cabeça envolta nos lenços de bolso, com o paletó às avessas para não gastá-lo, posicionando-se costas contra costas para aquecerem-se e armarem-se de coragem.

Os emigrantes eram completamente abandonados a si mesmos, e as crônicas navais não desmentiam o fato de que chegavam também a ocorrer casos de morte por fome, porque os suprimentos alimentares, talvez mal calculados, terminavam!

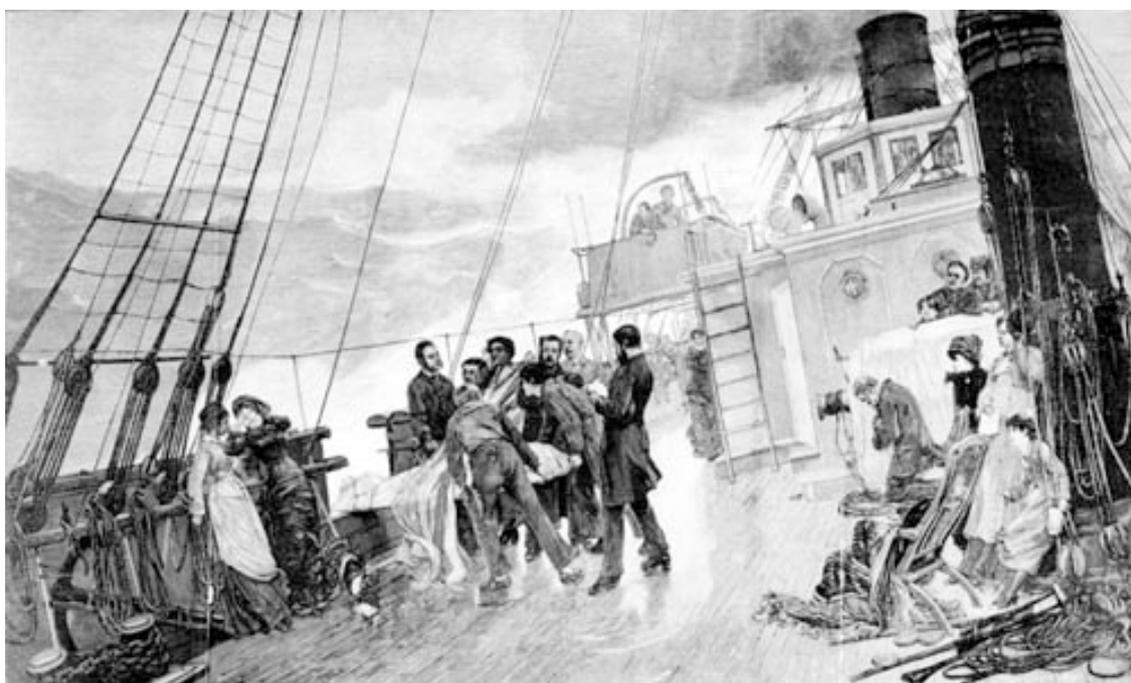
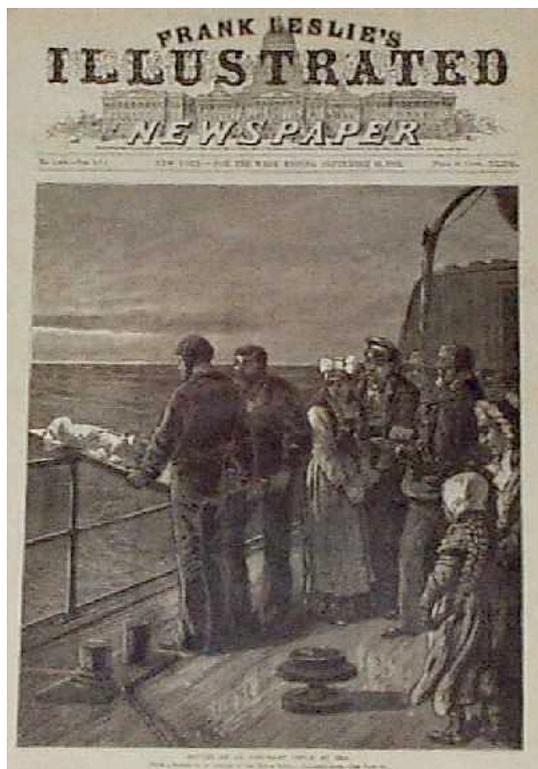


Emigrantes em viagem para “La Merica” (fotos fim ‘800)

Estas viagens representavam também uma tremenda matança de crianças. A viagem para o Novo Mundo tornava-se, muitas vezes, para os mais pequenos, uma verdadeira matança, e eram sobretudo as epidemias de sarampo e de varicela a provocar mortes em massa. A falta de remédios apropriados, a degradação do ambiente dos dormitórios, e muitas vezes a incompetência do pessoal médico, tornavam aquilo que poderia ser uma doença infantil normal, um verdadeiro surto de perigosa epidemia.

As crônicas apontadas pelos nossos familiares sobre esses fatos são unânimes ao contar uma história, a dizer pouco, traumatizante: *“Durante a longa travessia do oceano, ao desgaste físico dos passageiros, devido às más condições nas quais deviam viver, somavam-se as doenças contagiosas como tifo, cólera, contágios pestilentos (causados por ratos), para não falar dos distúrbios pulmonares como gripes e pulmonites, devidos à umidade, bem como à famigerada “pellagra” (devido a uma dieta baseada somente na polenta), e ao escorbuto causado pela falta de*

vitamina “C” na alimentação. Não poderiam ser diferentes os problemas nos navios abarrotados nos quais havia promiscuidade entre seres humanos, bagagens e animais, sem ventilação, e nos quais proliferava toda sorte de imundícies (como ratos, pulgas, piolhos, moscas e vermes)”.



Funerais em mar(segunda metade '800)

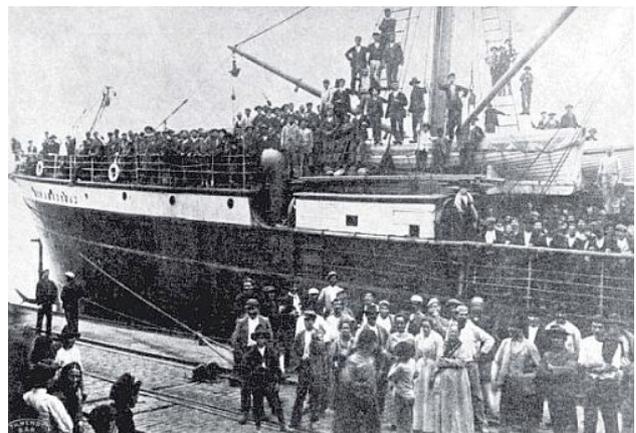
Ao ouvir esses relatos, torna-se muito natural pensar que em geral todos os emigrantes partiam impelidos pela fome e pela “santa ignorância”, mas sobretudo

sustentados pela fé. Não se pode encontrar outras explicações!

Quem sabe o que Alessandro teria pensado nas longas noites transcorridas no navio... Naquele momento, por certo, teria descoberto todas as dificuldades e a periculosidade de uma escolha como a sua. Será que teria, por exemplo, tomado conhecimento de que o mar era uma barreira deveras intransponível, e que se resolvesse voltar para casa seria obrigado a tomar um navio, e precisaria de dinheiro para a passagem.

Evidentemente não seria como emigrar para outros países europeus, dos quais, no caso das coisas darem errado, poder voltar a pé. O mar seria uma barreira que excluía completamente a possibilidade de retorno, em caso de falência, e o Novo Mundo poderia transformar-se em uma prisão! Do Novo Mundo não se voltava a não ser ricos!

Depois de muitos dias de navegação, finalmente Alessandro avistou a nova terra: o Brasil! O navio fez escala primeiro no Rio de Janeiro, depois em Paranaguá, em seguida em São Francisco, e finalmente chegou à etapa final, onde Alessandro desembarcou: a cidade de Itajaí.



Emigrantes italianos em America do sul (fotos fim '800)

Era o momento dos controles médicos. Devido às péssimas condições nas quais as pessoas eram constrangidas a viajar, era muito comum contraírem doenças, e neste caso os imigrantes eram rejeitados e enviados de volta para sua pátria, ou pelo menos colocados em quarentena. Às vezes ocorria que navios inteiros eram reencaminhados ao porto de partida porque estavam infestados de epidemias. Alessandro superou os exames médicos previstos para os emigrantes. Trazia sobre os ombros o desgaste da viagem, mas a esperança do Mundo Novo, finalmente encontrado, lhe fez depressa esquecer todos os cansaços e os sofrimentos da viagem apenas vividos, e estava pronto para enfrentar, com decisão, o resgate social tão sonhado!

2.3 *A Aposta de Porto Franco*

Na cidade de Itajaí todos os emigrantes se dividiram. Alessandro juntamente com um grupo de emigrantes bergamascos (entre os quais as famílias Morelli e Maestri) iniciaram a subida pelo rio que atravessava essa cidade, o rio Itajaí, para se estabelecerem na região, graças a uma lei do Governo que concedia aos colonos uma porção de terra para cultivar. Chegaram, enfim, na região onde hoje situa-se a cidade de Brusque.

Chegados ali, se deram conta de que os melhores lotes de terra já tinham sido dados à comunidade alemã, e que a eles não restava outra coisa senão os terrenos mais afastados, cobertos daquilo que no Brasil chamam de “mata”, uma floresta densa e inexplorada, atravessada pelo rio Itajaí-Mirim.

Provavelmente pararam vários dias em Brusque, talvez por um mês, alojados em uma barraca, na Rua das Carreiras, na localidade hoje chamada de Águas Claras. Alessandro arranhou-se como pôde, e para ganhar algum dinheiro para matar a fome chegou a andar pelas ruas vendendo fósforos.

Isto não é absolutamente o que Alessandro esperava, e a situação começou tomar decididamente um rumo ruim. Depois de todas as fadigas sofridas, encontrava-se de fato numa situação ainda pior, em relação àquela deixada na Itália, e é por isso que, juntamente com o pequeno grupo de emigrantes bergamascos, tomou a decisão mais arriscada, mas para todos os efeitos a mais sensata: decidiu prosseguir a viagem. Compradas barcas e canoas, continuaram a subir pelo rio. Pararam só quando chegaram a um ponto no qual o rio fazia uma grande curva e se encontrava com um riacho atualmente chamado de “Ribeirão de Porto Franco”.

Justamente na confluência entre os dois rios, havia um remanso com uma pequena praia que se apresentava como o lugar mais seguro para atracar as canoas. Daqui partiram a pé para explorar a região. Enquanto estavam desbravando, foram surpreendidos por um violento temporal com chuvas muito fortes que, em pouco tempo, fizeram transbordar todos os rios. Os exploradores retornaram de imediato às embarcações, preocupados com a possibilidade de não mais encontrar seus únicos meios de transporte, mas ao contrário, com grande surpresa e alegria, viram que as suas barcas giravam sobre as águas no lugar onde haviam sido atracadas!

A partir desse momento os pioneiros decidiram ficar e estabelecer-se neste lugar. Iniciaram a construção de um núcleo de casas – obviamente cabanas de madeira – ao qual foi dado o nome de Porto Franco, e que hoje se chama Botuverá, (palavra indígena Tupi-Guarani que significa “Pedra Preciosa” ou “Montanha Brilhante” - nome que teve origem na existência de várias minas de ouro e metais preciosos presentes na região, ou nas belas montanhas cobertas de mata atlântica).

Cada família procurou um lugar para viver, delimitou uma área como sua propriedade, e depois esse primeiro núcleo foi acrescido de outros imigrantes. Pouco

a pouco, depois de sua fundação, Porto Franco tornou-se um núcleo habitado por cerca de 500 pessoas. Estes, em seguida, foram colonizando outras localidades, todas situadas ao longo do vale do rio Itajaí-Mirim (Águas Negras, Ribeirão do Ouro, Lajeado, Gabiroba etc.)

Não se sabe com certeza quais as famílias que chegaram inicialmente nesta colônia. Ouvindo os relatos dos mais idosos (descendentes diretos dos pioneiros) e realizando acurados estudos sobre a escassa documentação disponível (trata-se de arquivos paroquiais, hoje guardados em Florianópolis) pôde-se estabelecer que entre os primeiros pioneiros estavam em torno de 33 pessoas, mas não se pode excluir que também havia crianças entre eles. Seus sobrenomes eram: Aloni, Bettinelli, Bonomini, Bósio, Comandolli, Dognini, Gianesisni, Maestri, Molinari, Morelli, Pedrini, Raimundi, Rampelotti, Tomio e **Tirioni**.

Esses dados são extraídos dos arquivos do município de Botuverá, e portanto a tradição oral que se transmitiu em família, até os nossos dias, foi oficializada. Ela coloca o nosso avô Alessandro entre os primeiros pioneiros, entre aqueles poucos impávidos que desafiaram as insídias de um território desconhecido e se lançaram até aquele remanso e aquela pequena praia segura, no rio Itajaí-Mirim, para fundar essa colônia, na qual até hoje se fala um dialeto bergamasco restrito, composto ainda por termos dos anos de 1800, termos esses que já desapareceram do hodierno dialeto da atual província de Bérghamo.

Por um certo tempo, ninguém de Brusque daquele tempo ouviu mais falar dos colonos bergamascos que tinham subido o rio dentro da floresta, e pensavam até que aqueles colonos tinham morrido todos, vítimas dos animais ferozes, da natureza agreste, ou mais provavelmente, mortos pela população dos “Bugres” (os indígenas autóctones, assim chamados). Em vez, os pioneiros, a preço de muita fadiga e até de derramamento de sangue, chegaram a levar a melhor, sobre tudo e sobre todos.

A este ponto foi aberto um capítulo por certo não decoroso para a nossa história, relativo ao relacionamento com os indígenas. Sobretudo nos primeiros tempos, os confrontos entre os pioneiros e os indígenas eram praticamente contínuos. Essas populações autóctones eram sedentárias ou talvez migravam por uma área não muito grande, e obviamente não toleravam a presença do homem branco em seus territórios, e procuravam caçar de todos os modos aqueles que efetivamente eram invasores de suas terras.

Inicialmente os pioneiros procuravam conviver com os indígenas, mas não era nada fácil. Conforme os relatos transmitidos, no começo os indígenas não eram particularmente maus e não procuravam logo matar, mas eram decididamente belicosos, e portanto, as tentativas de entendimento foram praticamente logo substituídas por ameaças armadas.

Um relato transmitido ainda no tempo atual pelo velho tio que ainda vive e

reside em Botuverá – Durval Luís Maestri, filho de Albina Tirloni, e portanto neto de Alessandro – o qual conta com uma lucidez e uma ênfase impressionantes, de como os primeiros colonos, cansados dos contínuos assaltos dos indígenas e das mortes que provocavam, a partir de um certo momento decidiram resolver o problema de maneira definitiva. Formaram um grupo armado de pistolas e machados que penetrou pela floresta, e por 8 dias seguiu as pegadas dos indígenas na esperança de encontrar o seu acampamento.



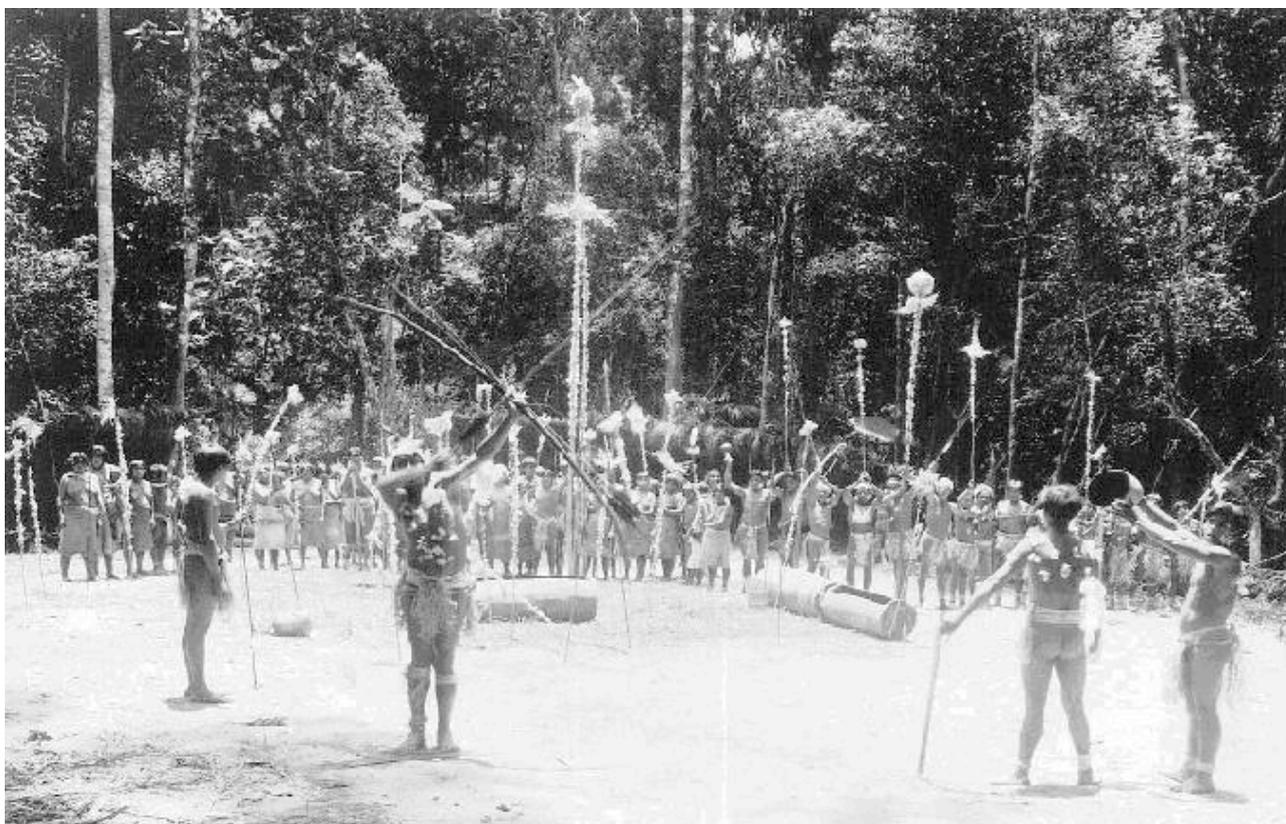
Guerreiros Bugri da tribo XoKleng (fotos século XIX)

Durante aqueles dias de buscas, o grupo ficou em absoluto silêncio, comendo o menos possível, sem fumar (naquele tempo todos os homens fumavam cachimbo), nem sequer acendeu o fogo, de noite, para não fazer-se descobrir pelos índios. (*“Sensa boca, sensa mangià e sensa pipà*) conta o tio Durval. Passados 8 dias encontraram no coração da floresta um grande acampamento no qual, em uma única oca estavam reunidos todos os índios da tribo, O grupo dos colonos esperou que escurecesse, que todos os indígenas dormissem, e só então, sempre em silêncio, entraram na oca e com os machados cortaram a cabeça de todos: homens, mulheres, velhos e crianças. Contava-se que o sangue chegava até os joelhos... Obviamente tudo isso é muito exagerado, mas dá alguma ideia da carnificina realizada.

Dessa matança só se salvaram uma jovem senhora que estava acordada para

amamentar suas duas crianças, e os dois indiozinhos. O grupo dos pioneiros não teve coragem de matar uma indefesa mãe e suas duas crianças que ali olhavam aterrorizadas. A índia e seus dois filhinhos foram levados com a intenção de integrá-los na comunidade, mas infelizmente a índia e, em um segundo momento também uma das crianças, foram mortos porque se rebelavam contra os colonos.

A outra criança, a menor das duas, ao contrário, tinha um caráter mais manso e obediente. Foi levada para Porto Franco, integrou-se na comunidade, criou a sua família, e viveu muitos anos, morrendo de velhice nos anos 60. Toda a comunidade de Brusque conhecia a história dessa pessoa porque tinha-se tornado famosa na região, graças à sua capacidade futebolística colocada a serviço do primeiro time de futebol da cidade de Brusque.



Acampamento indígena do tribo XoKleng (fotos século XIX)

Não se sabe se Alessandro teria feito parte dessa missão punitiva. O tio Durval sustenta que é possível, pois Alessandro era um dentre os jovens da comunidade, tinha um caráter decididamente forte, provavelmente não tinha muitos escrúpulos e, portanto, era uma pessoa ideal para a missão daquele tipo.

O problema dos assaltos por parte dos índios não foi definitivamente resolvido com aquele episódio. Os relatos transmitidos em família, bem como as crônicas daquele tempo contavam os sanguinolentos encontros havidos também muitos anos depois daquele tremendo morticínio. Ao final dos anos 40, o meu bisavô Emanuele Tirloni contava como também nos seus tempos – portanto nos inícios dos anos

novecentos – acontecia de esbarrar nas tribos dos nativos, e era preciso lutar contra eles (*ghéra de combat cuntra i Bugheri*”, contava com ênfase). Querendo ou não, o homem branco era o usurpador de suas terras, e portanto era um adversário a ser eliminado.

As crônicas de Porto Franco narram detalhadamente também a brutalidade dos Bugres quando atacavam. Escondiam-se no meio da mata, ficavam imóveis por horas a fio para estudar os movimentos dos colonos, depois os atacavam com arcos e flechas, e não davam chances aos desafortunados colonos. Não faziam distinção ente homens, mulheres ou crianças, e sobretudo, uma vez mortos, os corpos dos infelizes eram objeto de um ritual de barbárie absolutamente incrível: cortavam os pulsos e os tornozelos (ou talvez até cortavam as mãos e os pés) das vítimas para fazer escorrer todo o sangue, e depois o corpo era cortado em pedaços, os quais eram levados embora pelos indígenas como troféus.

Isso acontecia sobretudo quando os colonos provocavam os indígenas, debochando e rindo deles. Infelizmente ocorria também isso: os colonos estavam armados de pistolas, enquanto os indígenas tinham apenas arcos e flechas (talvez envenenadas). Estando em uma situação de superioridade por causa das armas, os colonos sentiam-se protegidos, tornavam-se desprezadores e provocadores dos indígenas. Era sobretudo esse o motivo que desencadeava a fúria indígena. Essa gente não gostava absolutamente de ser provocada, mas os pioneiros não queriam saber disso e continuavam a provocá-los.

Pessoalmente sou levado a crer que o bisavô Emanuele não pertencia àquele grupo de pessoas que provocava os indígenas porque se sentiam seguros por causa de suas armas de fogo. Sou propenso a crer que se tratasse de esporádicos combates ocorridos – talvez até cruentos – os quais o bisavô precisou enfrentar simplesmente porque teve a má sorte de encontrar-se no lugar errado, no momento errado.

Obviamente não todos os indígenas eram iguais, e nem todos os colonos eram tão estúpidos de quererem provocá-los. Falava-se também das diversas ocasiões nas quais, na mesma Porto Franco, a autêntica amizade entre colonos e Bugres era coisa ordinária, a tal ponto de estarem na mesma mesa, indígenas e colonos. Seria de esperar que se encontrassem, frente a frente, o indígena pacífico e o bom colono, e que se agisse de tal forma correta, ou pelo menos de forma diplomática, para não se chegar a provocá-lo. Infelizmente não acontecia sempre assim, e o preço pago com o derramamento de sangue foi alto para ambas as partes.

Apesar de verem-se impelidos a enfrentar esse difícil problema de relacionamento com as populações indígenas, os pioneiros iniciaram a trabalhar a terra que cansativamente tinham conquistado. A região de Porto Franco é montanhosa. As poucas terras planas encontravam-se vizinhas às margens do rio, e a floresta cobria todos os montes, e portanto a agricultura era, pelo menos nessa fase inicial, quase impossível. A maior parte dos colonos era de origem agrícola, e a única

coisa que todos sabiam fazer era mesmo aquilo próprio do agricultor. A primeira coisa que os pioneiros começaram a fazer foi desmatar os terrenos, a fim de prepará-los para cultivar.

É preciso lembrar que naqueles tempos o fato de desmatar a floresta virgem era vista pelo governo brasileiro como uma verdadeira bênção, pois chegava a tornar produtiva uma terra que até então não servia para nada, e ainda mais que todos os riscos ligados a essa emancipação eram assumidos pelos novos colonos. Para incentivar o nascimento de uma nova economia onde antes não havia nada, a não ser floresta improdutiva, o governo em um primeiro momento oferecia a esses pioneiros todos os instrumentos necessários para aquele fim, como também as sementes e alguns animais domésticos, tudo isso para que também nesse canto escondido do Brasil chegasse a se desenvolver uma primordial economia

A madeira cortada foi inicialmente utilizada para construir as primeiras casas, nas quais se estabeleceram os colonos, criando os primeiros recintos de vida e as primeiras propriedades. Foi assim que começou a tomar forma a vila inicial de Porto Franco. Obviamente não devemos imaginar uma vila como se pode tipicamente entender na Europa, com as casas todas vizinhas entre elas. Nos seus primórdios, Porto Franco devia parecer como uma grande clareira na floresta, na qual, de vez em quando, ao longo do rio, apareciam pequenas clareiras com uma cabana ao meio, um pequeno sinal de civilização, em meio à floresta selvagem. Provavelmente as clareiras não eram nem sequer coligadas por uma rede de caminhos, mas ao contrário, a via fluvial era a única via de comunicação entre um lugar e outro.

Uma vez criada a planta inicial da vila, com certeza foi construído também o primeiro edifício que tinha uma função bem definida: um lugar para o culto. Naquele tempo, a devoção e o compromisso religioso eram um valor absolutamente fundamental e preponderante. Como bem disse durante a festa bergamasca de Botuverá de 2009 o nosso primo Padre Alírio José Pedrini: “A fé era a força dos imigrantes”. A fé servia para o encorajamento em meio às dificuldades, e bem podemos imaginar quais e quantas tenham sido, nesse primeiro período. A fé auxiliava a manter um contato – mesmo se puramente espiritual – com os próprios caros parentes permanecidos na Itália, os quais eram recomendados aos cuidados e à piedade de Deus. A fé também contribuía para fazer parar o trabalho por um momento, bem como para se refazerem das fadigas e para encontrar as luzes nos momentos de incerteza. Mesmo que na comunidade não estivesse presente um padre, foi construído um edifício do qual não se podia prescindir: uma pequena igreja.

Provavelmente nessa igreja estava presente somente um crucifixo, talvez esculpido ali mesmo, mas isso era suficiente para dar à nossa gente um ulterior sentido de comunidade, e não se pode excluir que aquilo representasse o único ponto de união para os pioneiros, que com dias marcados e constantes, ali se encontravam para rezar e agradecer a superação dos perigos. Nada de mais fácil do que adivinhar o lugar escolhido para a primeira igreja. Outro lugar não seria senão o local onde agora

se encontra a igreja paroquial de Botuverá!

Os pioneiros, nesses primeiríssimos tempos, iniciaram também a penetrar nas áreas circunstantes, e foi sobretudo graças às impressões que estes lugares deixaram aos exploradores que foram escolhidos os nomes para essas localidades: Águas Claras, Águas Negras, Ribeirão do Ouro, Cedro e outras localidades. Elas foram batizadas dessa forma, graças às primeiras impressões que despertaram nos colonos que as exploravam, e ainda hoje mantêm os nomes dados por esses detalhes que se tornavam um nome usado por todos.

4Matrimonio e Filhos

Alessandro, que já estava no Brasil um pouco mais de um ano, conheceu e se enamorou por uma moça de nome Elisabetta Colombi, filha de imigrantes italianos, nascida em Caravaggio – na província Bérgamo – em 1855 ou 1856 (não se conhece a data exata de seu nascimento). Essa moça era filha de Calisto Colombi e Francesca

Tadini (Os documentos divergem quanto aos nomes Taddini, Tardini, Thardina), mas o mais correto seria mesmo Tadini.

Esta família era originária de uma vila da baixada bergamasca, tão cara e conhecida de todos os emigrantes pela presença do Santuário de Santa Maria da Fonte, conhecido de todos com o nome de Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, construído depois da aparição da Santa Virgem, aparição essa ocorrida no dia 26 de maio de 1432.



Santuario di Nostra Signora di Caravaggio (vista dal lato dei porticati nord)

A devoção popular da gente bergamasca (e não só) em relação a esse Santuário Mariano é até hoje muito grande, e em tempos remotos, em cada casa havia uma imagem ou talvez um quadro da Madonna di Caravaggio, diante da qual as famílias se reuniam em oração.

Os emigrantes muitas vezes levavam consigo essa imagem, e também no Brasil há muitas igrejas dedicadas à “Madonna di Caravaggio”, e na própria periferia de Brusque encontra-se o santuário de Nossa Senhora de Azambuja, no qual se venera uma dessas imagens, levada por um emigrante de Treviglio, de sobrenome Colzani.



Santuário Nossa Senhora de Azambuja e quadro da “Madonna de Caravaggio” (fotos ano 2009)

Elisabetta emigrou para o Brasil conjuntamente com toda a sua família, e no arquivo histórico do Rio de Janeiro foram encontrados os documentos de imigração que trazem todas as datas da viagem realizada pela família Colombi.

Arquivo Histórico
do
Rio de Janeiro

Registro	Nome	Idade	Estado Civil	Religião	Profissão	Nacionalidade	Navio que chegou	Dia que chegou	Procedência	Dia que partiu	Navio que saiu	Destino
1222	Colombo, Carlota	23	casada	catholica	agricultor	Italiano	Espero Alice	17/2/1877	Genova	28/2/1877	Rio Grande	Itajaí
1230	Francisco	23	casado	"	"	"	"	"	"	"	"	"
1231	Francisco	21	solteiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"
1232	Roberto	21	solteiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"
1233	Luís	19	solteiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"
1234	Elisabetta	23	solteira	"	"	"	"	"	"	"	"	"

Data de chegada no Brasil de nossa Buena Elisabetta, filha Colombi Carlota.

Documento de imigração de Elisabetta Colombi (foto ano 2009)

O grupo embarcou no vapor Ester, que partiu de Gênova no dia 12 de dezembro de 1876, e desembarcou em Piúma, no estado do Espírito Santo, no dia 21 de janeiro de 1877. Daqui reembarcaram no vapor brasileiro Alice e chegaram ao Rio de Janeiro no dia 17 de fevereiro de 1877, e finalmente no dia 28 de fevereiro de 1877 embarcaram no navio brasileiro Rio Grande, com destino a Itajaí, para depois

chegarem até a colônia de Porto Franco.

Por meio do registro dessa viagem, temos à disposição todas as datas. Inclusive pode-se ver que a odisseia destes pobres desesperados, do momento da partida de suas casas da Itália até a chegada à nova terra durou um total de três intermináveis meses.

O núcleo familiar era composto do chefe de família, **Calisto Colombi**, de 49 anos (nascido em 1828), a mulher **Francesca**, de 43 anos, (nascida em 1834) e os seus 4 filhos:

- Francesco** de 25 anos (nascido em 1852)
- Stefano** de 23 anos (nascido em 1854 desposou Rosa Caresia)
- Maria** de 16 anos (nascida em 1861)
- Elisabetta** de 13 anos (nascida em 1864 desposou Alessandro Tirloni)

Analisando esse documento aparece a evidente discrepância em relação à idade de Elisabetta, que foi registrada aos 13 anos, antes do que aos 21 ou 22... Mas a coisa se torna absolutamente impossível se considerarmos os vários documentos que existem a seu respeito. A esta altura tornam-se fortes as suspeitas também sobre a veracidade das outras idades do núcleo familiar.

Um relato transmitido pela Tia Giuseppina Martinelli, mulher de Eliseu Tirloni, e portanto nora de Alessandro e Elisabetta, afirma que os dois jovens teriam feito toda a viagem por mar, juntos, e teriam chegado juntos no Brasil. Tanto é verdade que a tia Giuseppina contava que nos primeiros dias de sua aventura, os dois andavam juntos pelas estradas vendendo fósforos.

Essa história não é confirmada por nenhuma prova, mas ela é bem possível. Seria até possível que os dois já se conhecessem, ou até já seriam namorados, e por isso tomaram a decisão de enfrentar juntos essa aventura. Se fosse verdadeira essa suposição, significaria que Alessandro não precisou enfrentar todo esse desconhecido, sozinho!

Infelizmente, depois desse documento, não se sabe mais nada do que ocorreu com o outros componentes do núcleo familiar dos Colombi. Não se sabe se permaneceram todos no Brasil, nem se permaneceram todos a viver na região de Brusque, ou se se deslocaram para outra região. A única notícia que se sabe, no que se refere à descendência desse grupo, foi fornecida pelo Padre Adilson Colombi que, em anos recentes, viera para a Itália para visitar-nos, e explicou como ele descendia de Stefano Colombi, irmão de Elisabetta.

Alessandro e Elisabetta casaram-se no dia **07 de junho de 1878** (um pouco mais de um ano depois da chegada de Elisabetta no Brasil), e foram testemunhas os senhores Agostinho Paloschi e Giacomo Pelissoli. Não há provas efetivas de que o matrimônio tenha sido celebrado na igreja de Porto Franco, porque naquele tempo essa comunidade não era considerada como paróquia, mas como parte da paróquia de Brusque, e a nível municipal, todas essas terras de pioneiros eram consideradas indistintamente com o nome de “Colônia de Itajaí”. Mas é provável que o casamento

tenha sido celebrado em Porto Franco, por oportunidade de uma visita pastoral do padre.



Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina
Rua Esteves Junior, 447 - Fone (48) 224-4799 - Fax (48) 222-4856
88015-530 - Florianópolis - Santa Catarina

Certidão de Casamento

Certifico que, revendo os livros de Casamento da paróquia de BRUSQUE encontrei no livro 1861 - 1880 fls. 112 n. 31 um assento com o seguinte teor:

O nome do Esposo - ALEXANDER TIRLONE - annos 21 ; O local do nascimento - Parochia Bariano in Lombardia ; O pai e mãe da Esposo - Filius legitimus Joannei Tirloni et Joannae Albani ; O nome da esposa - ELISABETH COLOMBI - annos 18 ; O Local do nascimento - Parochia Caravaggio in Lombardia ; O pai e mãe da Esposa - Filia legitima Callisto Colombi et Franciscae Thaddina ; Domicilio dos casados - Colonia Itajahy ; Proclamas - 26 e 30 maio e 2 die junni 1878 ; O dia do Casamento - Die 7 Junni 1878 ; Testemunhas - 1, Augustinus Palloski , 2 Jacob Peilssoli ; O Vigario - Pe. Albertus F. Gattone.

Era o que continha o dito assento e por ser verdade o afirmo e assino.

Florianópolis, 2 de Julho de 2002

Leonardo Schwinden
Leonardo Francisco Schwinden
Secretário

Certidão de casamento Alessandro Tirloni – Elisabetta Colombi (ano 1878)

Analisando a certidão de casamento deles, evidencia-se uma forte discrepância entre as idades declaradas no ato, e as idades efetivas que tinham os dois jovens nessa data. Para Alessandro foi indicada a idade de 21 anos, quando em vez ele tinha 25. E para Elisabetta foi indicada uma idade de 18 anos, mas na verdade ela tinha 22 ou 23. Uma outra coisa que deixa fortes dúvidas a propósito da data deste casamento está presente no registro municipal de Bariano, no qual está indicada como data de casamento o dia 28 de agosto de 1876, mas essa data está em total contradição com os documentos de imigração relativos a Elisabetta, e portanto é julgada absolutamente inadequada.

Vê-se, pois, que no caso de Elisabetta os erros anagráficos são berrantes: em

dois documentos exarados em um ano de diferença, a data de nascimento de Elisabetta muda bem 4 anos, e parece absolutamente impossível que ela se tenha casado com apenas 14 anos. Assim como não há dúvidas a respeito da data de nascimento de Alessandro (idêntica em mais documentos) pode-se pensar que se trata de erros de transcrição ocorridos no momento em que foram redigidos tais atos, ou talvez de erros de leitura cometidos em nossos dias ao reler os velhos registros, mas não se pode excluir que, por motivos ignorados por nós, as idades das diversas pessoas tenham sido voluntariamente comunicadas de forma errada.

O casal Alessandro e Elisabetta se estabeleceu na casa que ainda existe (em parte, e muito modificada), e está situada na Rua Kennedy, a duas centenas de metros da igreja, e defronte do rio Itajaí-Mirim, na zona imediatamente acima do “porto franco” do qual se falou no início. Às costas da casa há uma colina com as encostas cobertas de capoeira e mato que chegam mesmo a estar por cima da própria casa. Trata-se de uma das poucas casas de alvenaria construídas naquele tempo. A casa, como é vista em nossos dias, foi transformada. Ficou muito menor e com o teto rebaixado. Os tijolos à vista da parte externa foram encobertos por reboco.



Casa della famiglia Tirloni a Porto Franco (fotografia - Agosto 2009)

Pelas raras fotos da época nas quais se vê a casa, pode-se notar que as dimensões originais eram muito grandes (tinha mais de 20 metros de comprimento, e tinha um andar de sótão habitável). Certamente a casa deve ter tido também uma função “comercial”, portanto com espaços para depósitos e para a venda de produtos, bem como dormitórios para acolher aqueles que trabalhavam nas numerosas propriedades de Alessandro. Além de dar acolhimento aos trabalhadores, a casa servia

para dar lugar à numerosa família que veio a se criar. Em nossos dias, um tão grande número de filhos parece de verdade incrível, mas é preciso considerar que na época era coisa apenas um pouco acima da normalidade.

Da união de Alessandro e Elisabetta nasceram 12 filhos:

- 1) **Joana** (16-07-1880 / 11-03-1934)
Desposou João Morelli (06-12-1874 / 04-02-1940)
- 2) **Rosa** (06-12-1881 / 15-06-1839)
Desposou Carlos Tridapalli (06-12-1874 / 27-07-1942)
- 3) **Albina Paschoa** (13-04-1884 / 03-03-1968)
Desposou José André Maestri, chamado de “Zio Üsippi” (30-11-1883 / 15-11-1968)
- 4) **João** (20-09-1885 / 17-04-1927)
Desposou Narcisa Geselle (04-06-1885 / 20-04-1966)
- 5) **Vittorio** (03-11-1887 / 21-10-1966)
Desposou Lucia Cucchi, chamada de “Zia Cia” (08-03-1894 / 06-04-1994)
- 6) **Angela** (30-05-1889 / 20-09-1947)
Desposou Agostino Nava (03-09-1884 / 10-10-1953)
- 7) **Emanuele**, chamado no Brasil de “Zio Maneca” (27-09-1890 / 28-11-1950)
Desposou Rosa Morosini (22-01-1893 / 27-12-1939)
- 8) **Vittoria** (21-07-1892 / 03-12-1964)
Desposou Giacomo Costa (23-02-1891 / 11-09-1985)
- 9) **Francesca** (30-10-1893 / 22-04-1920)
Desposou Agostino Pesenti (28-03-1890 / 28-06-1969)
- 10) **Eliseo** (30-05-1895 / 03-11-1964)
Desposou Giuseppina Martinelli (31-03-1900 / 06-03-1988)
- 11) **Angelo** (13-11-1896 - Julho 1909)
- 12) **Antônia** (13-06-1899 / 14-07-1957)
Desposou Francesco Galliani (02-05-1889 / 28-09-1948)

Como se pode observar, todos os filhos nasceram num lapso de tempo de 19 anos, e enquanto nos primeiros anos de matrimônio os nascimentos foram bastante distantes, nos oito anos entre 1884 e 1896 nasceram 10 filhos. Isso permite pensar que sobretudo nos anos entre 1879 e 1883 teriam ocorrido nascimentos de outros filhos, que talvez vieram a faltar prematuramente.

Quando nasceu a última filha, os pais já estavam respectivamente com 47 e 43 anos, mas também neste caso não se pode excluir que tenham nascido outros filhos nos anos imediatamente sucessivos a essa data, e também esses, porém, teriam prematuramente vindo a faltar.

Lendo as certidões de Batismo dos filhos de Alessandro, se tem certeza de que na colônia de Porto Franco, nesse entremeio, foi edificada uma capela dedicada a São José, na qual foram batizadas todas essas crianças.

Como já foi mencionado acima, não sabemos nada daquilo que ocorreu com a família de Elisabetta, mas agrada pensar que os seus irmãos, irmãs e pais permaneceram na vila de Porto Franco, ou nas terras vizinhas e, portanto, eram uma verdadeira família – bem assim como na tradição bergamasca – para todas essas crianças Tirloni. Agrada pensar que existiram avós e tios Colombi - pais e irmãos de Elisabetta, - que divertiam os sobrinhos, que contavam as histórias do passado e das tradições italianas, contos talvez romanceados para despertar a sua infantil admiração pela terra italiana, e as perícias da viagem por mar. É uma satisfação pensar que também essas crianças, - filhos de Alessandro e Elisabetta - como todas as crianças daquele tempo, tenham podido viver a sua meninice em uma realidade de típica família patriarcal bergamasca.

2.5. A mente empreendedora

Como era a vida em Porto Franco no final dos anos oitocentos? Seguramente não era nada fácil!

O único problema que, eu creio, de fato ninguém tinha em Porto Franco era a fome. O alimento não era de ricos e nem tão variado, mas não faltava. A natureza selvagem que circundava este pequeno povoado situado no meio das montanhas, por

um lado representava um obstáculo quase intransponível, e de outro lado assegurava aos pioneiros o sustento necessário para viver. Todos tinham à disposição os frutos oferecidos pela floresta, a carne dos animais (matavam-se e se comiam macacos, cobras, veados, pacas, cotias, porcos do mato e muitos outros animais típicos de engorda) e chegavam a fabricar farinha de milho ou de mandioca, com as quais preparavam a “polenta” e o “pão”. Observando os indígenas, os colonos moveram-se cautelosamente, mas chegaram a experimentar também alimentos decididamente estranhos, como por exemplo, o miolo de uma particular palmeira chamada de palmito.

Fazendo uma análise geral, deduz-se que além das normais dificuldades que todo mundo encontrava naqueles tempos, aqui no Brasil acrescentavam-se ainda outras. Antes de tudo, as vias de comunicação com o resto do mundo eram absolutamente primitivas. Não sei quando foi aberta a estrada para carros, mas seguramente a estrada que conduzia a Brusque, por muitos anos permaneceu pouco mais do que uma picada, e o caminho de comunicação mais usado era o rio. Pode-se, pois, intuir quanto tempo se empregava para fazer chegar à vila todas as mercadorias necessárias aos vários habitantes.

O único médico morava em Brusque, e portanto, quando alguém se sentia mal, ou então sofria um acidente, tinha a sorte marcada! Imagino que, principalmente nos primeiros tempos da colonização, os casos de intoxicação alimentar fossem bastante frequentes porque os pioneiros deviam instruir-se sobre a natureza que os cercava, tão diversa daquela à qual estavam habituados na nativa planície bergamasca. E não era suficiente observar os hábitos dos indígenas, porque os estômagos não estavam “preparados” para os alimentos oferecidos pela floresta. Precisavam descobrir aquilo que era comestível e aquilo que não era, e isto seguramente teria exigido um pagamento de vidas humanas...

As mulheres eram aquelas que levavam a pior, nesta comunidade arcaica, e muitas vezes morriam de parto, também porque, sobretudo nos primeiros anos, não havia a presença de uma parteira. No inverno ocorriam as geadas e com isso as crianças eram acometidas de doenças respiratórias, como também de febres. As infecções faziam vítimas indistintamente. Não era fácil ficar velho neste canto do mundo!

A natureza mesma já era por si só o primeiro elemento que se lançava contra os colonos. O forte calor do longo tempo de verão (muito mais longo que o nosso, na Itália), impedia a conservação dos alimentos, mas sobretudo exercia um forte impacto sobre os animais. Porto Franco surgia, de fato, em meio a uma floresta densa, onde pululavam sobretudo as serpentes, muitas das quais eram venenosas.

O bisavô Emanuele contava, por exemplo, que próximo de sua casa cresceram plantas de palmitos, dos quais todos (sobretudo o bisavô) eram gulosos, mas não podiam aproximar-se porque ali se aninhavam as serpentes. A coisa à qual deviam estar particularmente atentos era impedir que as cobras entrassem em casa, e para

fazer isto deviam colocar espelhos diante das portas e das janelas, de modo que as serpentes, vendo-se refletidas no espelho, ficassem paralisadas e assim pudessem ser capturadas (e eventualmente também comidas)

Dos relatos transmitidos pela tia Giuseppina Martinelli sabemos, também, que durante uma saída no meio do mato, um dos filhos de Alessandro – provavelmente o Vittorio, mas não sabemos com certeza – confrontou-se com um grande e perigoso felino (talvez uma onça) que o perseguiu para devorá-lo. O jovem chegou miraculosamente a subir numa árvore, mas como o animal não desistia de sua ideia, precisou passar a noite acordado sobre a planta, por causa do medo de cair por terra e ser devorado. Pela manhã, Alessandro organizou uma expedição com os filhos e alguns homens da comunidade, dividiram-se em grupo, e finalmente encontram o jovem ainda sobre a planta, tremendo de medo por causa da bruta aventura passada.

Compreende-se, portanto, quais e quantas as dificuldades encontraram essas pessoas na vida de todos os dias. Sem contar que, para tornar a coisa ainda mais difícil, às vezes faziam-se presentes os “vizinhos de casa” nem sempre agradáveis: os Bugres!

Todas essas coisas, por certo, não desencorajaram a gente desta comunidade que, a despeito de tudo, continuava a crescer e a prosperar. Novos imigrantes chegavam de contínuo, e muitos se lançaram ainda mais para o interior, na tentativa de fazer fortuna, desfrutando todas as riquezas que este canto do mundo lhes oferecia.

Como já foi dito precedentemente, fosse qual fosse a atividade que os imigrantes quisessem empreender, deviam partir todos de um primeiro e fundamental princípio: “desmatar”. Para criar um lugar para eles, precisavam desmatar a densa mata que recobria a totalidade da área, e no começo a madeira cortada era utilizada pelos mesmos pioneiros para erguer as suas casas, nas quais iriam morar. Mas o que fazer de toda essa madeira que em seguida se continuava a cortar?

A esta altura veio a Alessandro a intuição que seria a base de sua riqueza, e lhe permitiria de evoluir velozmente de sua condição de pioneiro: “a madeira”. Percebeu que na cidade de Brusque e sobretudo na cidade portuária de Itajaí havia uma constante procura por madeira para satisfazer a sempre mais crescente necessidade da cidade, bem como da área portuária e das atividades que floresciam graças ao comércio portuário.

A cidade de Itajaí vivia em função de seu porto, e todos os dias chegavam navios carregados de imigrantes e de gêneros comerciais. Pode-se, portanto, facilmente concluir que a economia estava em contínua e forte expansão, e a procura por madeira sempre em alta.

A bacia geográfica de utilização do porto compreendia também grandes cidades que surgiram no interior como, por exemplo, Brusque e Blumenau, das quais dependiam todos os centros e pequenos povoados que vinham sendo criados e se desenvolviam no interior, graças aos trabalhos dos vários grupos de imigrantes, os

quais dependiam completamente das mercadorias que chegavam desta mesma cidade de Itajaí. Pode-se bem compreender que o porto de Itajaí representava, com pleno direito, o motor pulsante que fazia girar a economia, assegurava a prosperidade, e garantia a vida de uma vasta região. Do exterior chegavam ao porto os produtos industriais que seriam distribuídos aos imigrantes, e do interior chegavam ao porto os produtos que eram produzidos na região.

Para garantir a funcionalidade de toda essa economia em forte crescimento era necessária muita madeira (seja para construir a infraestrutura civil e comercial, seja para garantir a funcionalidade do próprio porto). Portanto, a procura por madeira crescia, e a cidade de Itajaí viria em breve tempo a ser conhecida como “o porto da madeira”.

Alessandro percebeu as potencialidades que podia oferecer um território como aquele de Porto Franco, no qual, como já foi dito, cada um era obrigado a criar para si um espaço na densíssima floresta para fazer qualquer coisa, desmatando. Para Alessandro, a natureza selvagem de Porto Franco era o típico caso no qual “nem todo mal vem para piorar”, e decidiu desfrutar a seu favor aquela que para os outros parecia ser uma incômoda necessidade: o desmatamento, e assim agindo, decidiu satisfazer a necessidade da grande cidade portuária, iniciando a sua atividade com as serrarias e o comércio de madeira.

Obviamente Alessandro não era o único que teve a intuição de investir todas as suas forças no comércio de madeira, mas pode ser que tenha sido o primeiro de Porto Franco a fazer uma semelhante coisa, e mesmo por isso, chegou a evidenciar-se e a distinguir-se entre todos os pioneiros da colônia.

É preciso admitir que, sobretudo naquele tempo, não era coisa tão fácil chegar a se decidir de abandonar o único serviço que se sabia fazer, para o qual se tinha conhecimentos seguros, (no caso de Alessandro: trabalhar como colono) para empreender qualquer coisa de absolutamente novo e nunca experimentado antes. Portanto, era preciso render méritos e honras a quem fez uma escolha decididamente corajosa. Mas como começou tudo isto?

Pode ser que mesmo defronte de sua casa, ao longo da margem do rio, surgisse a primeira serraria aberta por Alessandro. Ainda hoje, mas como também na foto dos anos 60, de frente da casa havia um grande espaço vazio com barracões ao lado. Portanto, tudo faz pensar que na época de Alessandro aquele fosse o lugar no qual as toras cortadas eram empilhadas para depois serem serradas, e onde as tabuas eram preparadas para serem expedidas para a cidade, aproveitando a correnteza do rio.



No círculo vermelho a velha casa Tirloni em Porto Franco (foto início anos '60)

Nos primeiros anos nos quais iniciou essa atividade, Alessandro teria junto de si poucas outras pessoas, e o trabalho a realizar teria sido decididamente muito grande. As árvores eram cortadas e depois levadas para as serrarias para serem serradas e trabalhadas, a fim de reduzi-las à dimensões exigidas pelo mercado. As grandes companhias que compravam a madeira davam preferência a pedaços menos volumosos, e por consequência, mais maleáveis. Para tanto, a madeira era trabalhada várias vezes antes de poder ser vendida, e para fazer tudo isto era preciso construir infraestruturas não pequenas.

A escolha do transporte pela água apareceu logo a mais natural e econômica, e portanto, desde logo, optou por essa solução para todos os deslocamentos que era preciso fazer com a madeira.

Antes de tudo Alessandro providenciou a construção de serrarias nas quais os maquinários eram movidos pela força das águas. Depois providenciou a construção de uma rede de canalizações que ligando-se entre elas levavam as toras cortadas até as serrarias, e daqui até o rio Itajaí Mirim. Todas essas canalizações deviam ser muito bem organizadas para garantir a suficiente força motriz às rodas que moviam os maquinários das serrarias, mas deviam também ser bem reguladas para garantir suficiente quantidade de água, também durante as estações de seca.

Dos relatos dos velhos de Porto Franco, vem-se a saber com precisão, que o modo de amarrar a madeira era muito preciso. Quando a madeira estava nas medidas requeridas pelo mercado, eram feitas pilhas, cada uma formada por 24 tábuas bem amarradas entre si, e depois eram lançadas nas águas do rio Itajaí Mirim. Cada uma destas pilhas era amarrada a outras semelhantes, até formarem um grupo de 8 pilhas, e só a este ponto toda essa grande balsa era deixada livre de ser

impulsionada pela correnteza, e transportada até a cidade portuária de Itajaí.

Muitos eram os riscos que as pessoas deviam enfrentar para fazer todo este trabalho, desde o corte das toras na floresta, prosseguindo, depois, nos inconvenientes da elaboração. Mas a parte mais perigosa estava mesmo no rio, quando era preciso amarrar junto as várias pilhas, pois era preciso estar dentro da água, e acontecia que, às vezes, as cordas se rompiam e as tábuas de madeira se soltavam na água, envolvendo os infelizes.

A viagem ao longo do rio não era, portanto, menos perigosa. Para guiar as balsas e estar pronto para intervir de imediato, era preciso estar sobre as próprias balsas, e portanto estar ainda mais à mercê da força das águas do rio. Sobretudo na região das Águas Negras, muitas vezes os balseiros incorriam em perigos nas corredeiras que ali o rio formava, ou ao contrário, nos períodos de seca ocorria que as balsas ficavam trancadas, e mais do que em outros momentos, as cordas se rompiam e então havia o perigo.

É preciso considerar, também, o fato que, para intervir em caso de acidente ou perigo, mas também para chegar a governar no rio as balsas de madeira (sobretudo no pedaço mais tumultuoso do rio entre Porto Franco e Brusque) eram necessários muitos braços. Portanto, cada vez que ocorria uma expedição de madeira, do pequeno povoado partiam pelo menos 10 pessoas. Chegados a Brusque, a viagem tornava-se mais fácil para transportar a madeira até o porto de Itajaí.

A maior parte desses homens não sabia nadar, portanto pode-se bem compreender que cada viagem representava um risco altíssimo, e a vida de cada um poderia vir a ser interrompida a cada momento.

Uma vez chegados ao destino e vendida a madeira, o grupo devia enfrentar a viagem de retorno, a pé, até Porto Franco. Dos relatos dos velhos sabe-se que eram necessários cerca de quatro ou cinco dias só para essa viagem, e portanto, feita a conta, ficavam fora de Porto Franco por ao menos uma semana. A viagem de retorno servia também para parar em Brusque e comprar eventuais provisões para levar à vila. No entanto, ao menos nos primeiros tempos, o mais pesado era levado diretamente pelo rio, com as canoas.

Podemos imaginar quais e quantos foram os riscos nos quais incorreu Alessandro nessa atividade. No início, certamente, era obrigado a estar presente como primeira pessoa a todas essas fases (uma mais arriscada que a outra), e só em segundo momento, quando a sua atividade já estava bem encaminhada, poderia permitir-se de encarregar a outros o desempenho das fases mais pesadas e mais arriscadas de todo esse processo. Enfim, Alessandro tinha força e coragem para vender!

Os outros habitantes de Porto Franco empreendiam outras atividades. A família Maestri, por exemplo, possuía um forno para secar os tijolos e as telhas. Outras pessoas dedicavam-se ao cultivo da terra e à engorda de animais. Havia pessoas que

construíram fornos para fazer cal, bem como trabalhadores que trabalhavam nas minas. Aos poucos formaram-se os mais tradicionais trabalhos, como por exemplo, os forneiros, os carpinteiros, os ferreiros, e como em todas as aventuras pioneirísticas, não faltavam as pessoas que procuravam ouro ou as pedras preciosas ao longo dos vários rios, enquanto outros, ainda, se especializaram num trabalho insólito que os tornaria famosos, a tal ponto de até hoje se falar deles: os caçadores de Bugres!

Alessandro, ao invés, perseverava com a atividade da serraria, tornava-se para todos os efeitos um empreendedor, e o seu investimento viria, como foi dito, bem depressa premiado por um retorno econômico tão grande, a ponto de fazer dele o homem mais rico de toda essa região. Ao fim de sua aventura brasileira chegaria a possuir decididamente muitas propriedades em terrenos, utilizadas para tirar a madeira para suas serrarias, as quais se tornaram logo um lugar de procura de trabalho para muitos imigrantes que vieram trabalhar para ele.

Depois de anos, as crônicas eram concordes em afirmar que o único modo de fazer dinheiro neste canto do Brasil era, com certeza, entrar no comércio da madeira.

2.6 A vida da família em Porto Franco

Como já foi acentuado em mais ocasiões, a realidade cotidiana em Porto Franco era um caso mais único do que raro. O fato de que a colônia tenha sido fundada e habitada por imigrantes pela quase totalidade originários da província de Bérghamo, fez com que, desde o nascimento, a colônia mesma tivesse uma face seguramente típica, e por nada cosmopolita. O isolamento ao qual foi relegada por causa de sua posição geográfica fez com que estes aspectos tenham permanecido

imutáveis até os nossos dias.

Para um turista qualquer dos dias de hoje, Porto Franco (agora chamada de Botuverá) é uma etapa de viagem certamente muito interessante. Nos primeiros postos na lista dos municípios do estado de Santa Catarina que melhor preservam a natureza, Botuverá apresenta-se entre os primeiros lugares. Aqui pode-se visitar cavernas, tomar banho em cachoeiras de água doce e saborear produtos genuínos, desde o mel ao vinho. Mas se sois bergamascos, uma parada, aqui, se torna obrigatória. Vir aqui é muito mais do que simplesmente fazer a clássica viagem de retorno no tempo.

Em Botuverá estão difundidos todos os bons costumes que distinguem a cultura bergamasca, mas em um contexto, com toda certeza, bem insólito, pois não é coisa de todos os dias se poder comer polenta com queijo, ou jogar Boccia e a “morra” debaixo de palmeiras. Aqui se pode!

Graças ao seu isolamento, os seus habitantes souberam preservar até os dias de hoje todos aqueles usos importantes da província italiana da qual os seus vós tinham partido. De pai para filho, por gerações, foram transmitidos todos os hábitos bergamascos, desde os de culinária até os de jogos. Querendo chegar ao extremo, penso que até o hábito da gente bergamasca de “blasfemar” aqui poderia vir a ser considerado como uma “atitude” tipicamente bergamasca, digna de ser conservada.

Aquilo que mais do que outra coisa deixa atônito um visitante hodierno, é que aqui todos falam um dialeto, que por decênios foi a única “língua oficial” da vila. Trata-se de uma fala feita por vocábulos que em Bérghamo não se usam mais, faz decênios, e contaminado por toda uma série de outros dialetos italianos, do mantovano ao tirolês, bem como do português, ou melhor, aquilo que eles chamam de “Il brasilian”, misto entre bergamasco e português. Um dialeto estranho, mas decididamente compreensível, proposto também nas canções do repertório do coral da vila, fundado em 1920. Em Botuverá se celebra uma vez ao ano uma Missa em Bergamasco, e se comem os produtos de Bérghamo na festa bergamasca, aliás, orgulho de toda a comunidade.

Sobrevividos até os nossos dias, os usos e tradições pareceriam, portanto, estarem destinadas a desaparecer, porque, primeiro a estrada asfaltada, depois a televisão e a internet reduziram as distâncias desta “Bérghamo tropical” e o resto do Brasil. Mas não obstante a vinda da modernidade, os jovens da comunidade estão ainda mais que obstinados a conservar com saudável orgulho a sua herança cultural, na qual estão firmes.

Aquilo que, com certeza, jamais desaparecerá é a hospitalidade da gente de Botuverá. Pessoalmente estive nas casas das famílias que vivem ainda no respeito à natureza e à mais tradicional vida de colônia. As casas espelham aquela singela beleza tipicamente de colonos. A vocação religiosa das famílias traz à mente as recordações de quantos hábitos religiosos estavam presentes em nossos avós, que

não começavam uma refeição sem ter rezado alguma oração. Aqui, em cada família existe ao menos um parente padre ou freira, mesmo como sendo uma boa tradição bergamasca.

A atmosfera que se respira em Botuverá é como aquela do filme “Albero degli Zoccoli”, (= A árvore dos tamancos), obra prima de Ermanno Olmi que muitos aqui conhecem.

Idêntica atmosfera, mas com um dialeto diferente, mais parecido com a fala vêneta, com uma idêntica fixação às próprias raízes e aos valores familiares, encontram-se na vizinha cidade de Nova Trento, na qual, por ocasião de nossa visita, foram-nos tributadas honras, a dizer pouco, impensáveis.

Um belo grupo de pessoas deram vida a um caloroso encontro convivial – improvisado em 24 horas – entre parentes, feito de cantos italianos acompanhados pela gaita de boca tocada pelo octogenário patriarca. Foi uma jornada de serenidade e sincera alegria que marcaram indelevelmente, e que não podem mais ser esquecidas.

A oportunidade de nossa viagem às cidades de Botuverá e Nova Trento foi, além de tudo, uma ocasião para recordar a importância de nossas próprias origens e dos nossos antepassados, da qual a família descende, e cujos retratos foram exibidos com veneração. Foi um momento a mais para renovar a tradição dos relatos transmitidos oralmente aos nossos jovens que, em silêncio, postados ao redor, escutavam os velhos narrar incríveis histórias verdadeiras de autêntico heroísmo, sacrifícios e dores suportados com cristã resignação, na esperança de um amanhã muito melhor.

A população com a qual tivemos contato era composta de pessoas que nos escutavam com sorriso, que nos mostraram e descreveram os produtos de sua terra (tão diversos dos nossos), e que se emocionaram só ao saber de nossa proveniência, vindos daquela Itália de que tantas vezes ouviram falar e nunca viram de perto, mas tão presente em sua realidade. De fato, tanto amigos encontrados nesta inesquecível experiência confirma que aquilo que torna única uma viagem são as pessoas que encontramos!

Aquela que é a realidade dos dias de hoje, outra coisa não é, senão, o resultado herdado do quanto foi realizado e deixado, em herança, pelos pioneiros que invadiram todas essas áreas, mais de cento e trinta anos atrás. Dos relatos transmitidos pelos velhos de Porto Franco, percebe-se que os costumes dos colonos eram totalmente tomados da vida que costumavam fazer na Itália, antes de emigração. A única usança comum e inexplicável que contrasta com os costumes bergamascos era representada pela mudança do horário das refeições principais. De fato, dos relatos que os velhos dos dias de hoje fazem de sua infância, parece que a refeição principal e mais substanciosa era realizada pela manhã, e não ao meio dia. E o prato principal comido por todos era, de fato, a polenta.

Pode ser que este costume diferente de fazer a refeição maior pela manhã tenha vindo aos pioneiros por causa da necessidade de precisarem aproveitar toda a jornada

de trabalho, sem a necessidade de uma longa interrupção para o almoço.

Por aquilo que se passava na casa Tirloni, parece sensato reter que, no começo, Alessandro, em sua atividade, fosse ajudado por poucas pessoas, mas que as suas serrarias bem depressa iniciaram a atrair pessoas que eram então recrutadas também entre os novos imigrantes que chegavam a Porto Franco. Alessandro então decide oferecer-lhes, além do trabalho, também a assistência mais elementar e doméstica: cama e comida.

Muitas vezes esses imigrantes eram pessoas jovens e solteiras, que portanto precisavam também de alguém que lhes fizesse de comer, que lavassem sua roupa. A este ponto interveio a família de Alessandro, ou seja, a mulher e as filhas que passaram a ocupam-se com o trabalho de dar esta espécie de assistência. Até mesmo a alguns dependentes e viajantes era dado um lugar para dormir no sótão da grande casa, ou talvez nas barracas propositadamente construídas. Também o cuidado de tudo isto foi confiado às mulheres da casa Tirloni.

Este sistema aparentemente assistencialista era, a dizer pouco, dissimulado, porque permitia a Alessandro obter um ulterior retorno econômico em cima de seus operários. Ele pagava a eles um salário pelo trabalho que faziam, mas em compensação fazia-se pagar pelos serviços oferecidos de cama e comida, e assim reduzia ao mínimo o dinheiro gasto.

Os filhos homens ajudavam, desde cedo, o pai no trabalho das serrarias. Eram sobretudo eles os destinados a “acompanhar” a madeira, quando era lançada ao rio e expedida para a cidade. Depois de entregar a madeira, precisavam retornar a pé a Porto Franco, pelo único caminho em meio à floresta. Pelos relatos transmitidos, sabe-se que para fazer todo esse percurso era preciso ao menos quatro dias. Muitas vezes ocorria que paravam em Brusque, um ou dois dias, e depois partiam de novo. Certamente era por ocasião destas viagens que tinham os confrontos com os Bugres, nos quais esteve envolvido o bisavô Emanuele.

Dos relatos transmitidos pela tia Giuseppina Martinelli, os jovens Tirloni participaram juntamente com o pai em outros confrontos – estes últimos planejados e organizados com cuidados – contra os indígenas. Estes últimos, muitas vezes e de bom grado, atacavam de noite, e punham fogo às colheitas que os colonos semeavam e cultivavam em suas terras, liberadas da mata. Então, Alessandro, ajudado pelos filhos maiores, muitas vezes precisava posicionar-se de noite para montar guarda, para evitar tudo isso. Algumas vezes, para organizar verdadeiras e apropriadas “missões punitivas” contra os indígenas. O resultado final de cada um desses confrontos terminava, como sempre, com os indígenas que fugiam, ou com o sangue que escorria... Era uma vida de fronteira, onde reinava a lei do mais forte e da sobrevivência.

Com o sempre crescente número de afazeres, e para fazer frente a sempre

crescente procura de madeira, Alessandro expandiu as suas propriedades de terras. Essas terras lhe serviam, antes de tudo, para extrair a madeira, já que o desmatamento, como foi dito, foi visto, naqueles anos, como um autêntico “maná caído do céu”. Aliás, também o governo apoiava o desmatamento pois desse modo se chegava a obter pastos e áreas para a agricultura. Graças ao próprio trabalho dos imigrantes, o Brasil vivia um período de grande emancipação que levava à fundação de novas vilas, à criação de infraestruturas, onde antes não havia absolutamente nada, a não ser a floresta.

Alessandro era então o dono de muitas terras deslocadas nas várias localidades do território de Porto Franco, como: Gabiroba e Águas Negras, (só para citar algumas, mas seguramente ali também havia outros proprietários), e talvez até na vizinha cidade de Nova Trento.

Não se sabe com exatidão como teriam começado os relacionamentos comerciais de Alessandro com a comunidade de Nova Trento, cidade cerca de algumas dezenas de quilômetros distante de Porto Franco, colonizada sobretudo por imigrantes trentinos. Pode ser que os relacionamentos econômicos tenham começado por uma questão de vizinhança, mesmo que, naqueles tempos, e com as infraestruturas absolutamente inexistentes, os não muitos quilômetros que separavam os dois núcleos pareciam muitíssimo distantes.

Em suma, os proprietários de Águas Negras estavam ao longo da estrada que levava a Nova Trento, e isto pode ter sido uma realidade positiva para esse relacionamento. O fato é que a família Tirloni tinha muitos contatos com a comunidade de Nova Trento, tanto que duas filhas de Alessandro casaram-se com gente de Nova Trento. Não se pode excluir que os contatos com Nova Trento tenham sido iniciados mesmo depois destes matrimônios. Mas a coisa parece muito estranha porque, naquele tempo, as pessoas não se deslocavam muito, e os casamentos ocorriam praticamente sempre entre pessoas das mesmas vilas.

Alessandro tinha, de fato, um bom faro pelos negócios. Além das propriedades terrenas, tinha mais serrarias espalhadas pela região, as quais produziam constantemente o material trabalhado que era exportado pelo rio, para a cidade. Decidiu então abrir um refeitório para dar de comer aos trabalhadores do lugar, e abriu também um empório – o único da vila – que vendia produtos de todo tipo aos habitantes de Porto Franco. Ambas essas atividades eram dirigidas pela mulher e pela filhas. Graças ao comércio da madeira, Alessandro sempre tinha alguém que, ao ir à cidade, ou dentre aqueles balseadores que faziam a viagem de retorno, paravam para comprar para ele os eventuais bens de necessidade, que depois ele vendia no seu empório.

Este empório transformou-se depressa em uma outra boa fonte de riqueza, porque entre os seus clientes estavam também os procuradores de ouro e de pedras preciosas, que pagavam os produtos vendidos por Alexandre com pepitas de ouro.

Este não sofria desvalorização, e não era um bem perecível mas, ao contrário, aumentava sempre mais o seu valor para satisfação de Alessandro.

No que se refere à atividade do empório, está ligado um acidente que criaria não poucos problemas para Alessandro. Alguns anos depois da abertura do empório, uma pessoa de cor (provavelmente um escravo libertado, ou talvez fugido, não sabemos) iniciou a cometer furtos noturnos no empório. Alessandro percebeu logo os furtos e começou a montar guarda durante as noites, a fim de colher em flagrante o ladrão. Descoberto o ladrão, o fez restituir o material roubado e o advertiu que se voltasse a tentar roubar novamente, não lhe seria mais clemente nos seus confrontos, mas passaria diretamente a atitudes severas. Alguns dias depois, o ladrão tentou um novo furto, mas Alessandro – que provavelmente não havia deixado de montar guarda – o surpreendeu. O ladrão tentou escapar, mas Alessandro, furo de raiva, pegou o peso maior da balança (1kg) e o jogou contra o ladrão, acertando-o em plena testa, matando-o instantaneamente.

Não sabemos como o incidente terminou. Enfim, já não eram mais os primeiros tempos da emigração, nos quais não existiam nem lei e nem controle. Este fato deverá ter chegado ao conhecimento das forças da ordem pública, as quais devem ter cumprido o seu dever. Com certeza o racismo emperrado também se lançava contra o pobre ladrão de cor, que certamente não vinha sendo tratado exatamente como cada branco. Mas de todo modo este era um homicídio qualificado, e por certo não passou escondido, como os homicídios dos indígenas.

Alessandro não se limitava à gestão de seu patrimônio e de todas as suas atividades, mas se empenhava como primeira pessoa onde quer que servisse. Pode-se imaginar que por diversos anos ele mesmo estivesse naquele lugar dos corajosos balseadores que arriscavam a vida, descendo pelo rio com as balsas de madeira. Sempre de acordo com os relatos da tia Giuseppina Martilelli, sabemos que mesmo nos primeiros tempos, não era só Alessandro a estar envolvido como primeira pessoa na parte arriscada do transporte da madeira. De fato, enquanto ele se achava sobre as balsas de madeira que desciam pelo rio, sua mulher Elisabetta seguia o percurso da madeira pela estrada, com a carroça, que servia para ser carregada de todas as provisões que eram compradas em Brusque durante o caminho de volta.

À luz de tudo quanto foi dito até agora, pode-se facilmente imaginar qual teria sido o potencial econômico, e sem medo de incorrer em erro, pode-se pois dizer que ele sozinho representava o fiel da balança da economia de Porto Franco.

O tempo foi passando e os primeiros filhos tornam-se grandes. A filha mais velha, Joana, enamorou-se com João Morelli, filho de Pietro Morelli, que juntamente com Alessandro estava entre os primeiros pioneiros que chegaram a Porto Franco, subindo o rio com as barcas.

João Morelli nasceu 6 anos antes do que Joana, na Itália, no município de

Verdello – vila pouco distante de Bérgamo – e veio para o Brasil com a idade de 2 anos. Ele era o único, entre os velhos parentes do Brasil, que havia nascido na Itália.

Joana e João casaram-se em Porto Franco, no dia 2 de janeiro de 1901, e Alessandro pela primeira vez precisou confrontar-se com aquela que foi, para todo o resto de sua vida, uma das maiores preocupações: o dote a deixar para as filhas.

Não se sabe se houve problemas neste preciso momento, mas conhecendo o caráter de Alessandro, pode-se crer que não tenha sido fácil para o jovem casal obter alguma coisa dele. Seja dito que a família Morelli era uma dentre as famílias de bens, da vila (também porque estavam entre os primeiros colonos, portanto entre os poucos que fizeram fortuna). Eram proprietários de um belo pedaço de terra, bem no dentro da hodierna Botuverá. Por isto, portanto, com certeza, o problema econômico não existiria para este casal.

No ano seguinte nascia o primeiro filho de Joana, Luís Morelli. Alessandro e Elisabetta, a apenas dois anos do nascimento de sua última filha Antônia, na idade respectivamente de 49 e 45 anos, tornaram-se avós pela primeira vez. Por fim, o número de netos tornou-se uma vasta estirpe que chegou ao número de 58. Os últimos dois netos nasceram ambos em 1934

Provavelmente em 1905 na casa Tirloni ocorreu o segundo casamento. A terceira filha Rosa se casou com Carlos Tridapalli, um jovem de Nova Trento, 11 anos exatos mais velho do que ela. Também ele era filho de uma família originária de São Bento Pó (vila situada na província de Mântova), que tinha feito fortuna nesta comunidade. O casal transferiu-se para a cidade de Carlos, Nova Trento.

O terceiro matrimônio ocorreu provavelmente em torno de 1907, quando a segunda filha, Albina, se casou com José André Maestri, que era um ano mais velho do que ela. Também ele era filho de um dos primeiros pioneiros chegados a Porto Franco, junto com Alessandro. A família Maestri estava entre os primeiros a ter construído fornos para secar tijolos e telhas. Embora também eles fossem uma família de bens, eram de ganhos mais modestos, se compararmos com aquelas citadas acima.

Chegou o início do ano de 1909, um ano particular para a história de nossa família. A situação em Porto Franco era a seguinte: Alessandro e Elisabetta estavam casados há quase 31 anos e viviam uma condição de absoluta riqueza. Mas apesar disso, não pararam seus trabalhos, antes os aumentavam ainda mais.

As três primeiras filhas estavam casadas, e os netos já eram sete. Em casa viviam ainda nove filhos, dos quais cinco já eram grandes e quatro ainda adolescentes. A mais jovem – Antônia – tinha dez anos, mas certamente já ajudava a mãe e as irmãs maiores. Os três filhos homens maiores já deixavam transparecer as suas intenções para o futuro.

- João tinha vinte e três anos, e ocupava-se da gestão da serraria de águas

Negras. Ele era namorado de uma jovem de Nova Trento, de nome Narcisa Geselli.

- Vittorio tinha vinte e um anos e estudava num colégio, mas não se sabe precisamente em que cidade. Parece-me recordar que o meu avô falava de Florianópolis, mas não é de se excluir que se tratasse de uma outra cidade mais próxima, como por exemplo, Itajaí ou a própria Brusque. Vittorio talvez tenha sido o único entre os irmãos a ter recebido uma instrução.
- Emanuele, que tinha 18 anos, ajudava o pai na serraria de Porto Franco, e era namorado de uma moça, presumivelmente da vila, cujo nome, porém, não chegou até os nossos dias.

Não obstante a maior parte dos filhos já serem grandes, Alessandro continuava a manter o seu indiscutível poder de chefe de família, e comandava a todos com seu punho de ferro. Era um homem incrivelmente avarento. Talvez por ter provado em sua pele a fome e a miséria, não queria regredir da riqueza que havia conquistado cansativamente, e o modo mais simples de não tornar-se pobre seria continuar a fazer dinheiro, e obviamente a gastar o menos possível. Mesmo por esse motivo impôs a toda a família o rigor mais absoluto. Por certo, por isso mesmo, ninguém na família podia gozar os prazeres da vida, que pelos bens materiais que possuíam, poderiam se permitir

É preciso dizer que a vida que Alessandro vivia no Brasil não era propriamente um exemplo de honestidade e sentido cívico. Quando partiu em canoa de Brusque, subindo o rio Itajaí Mirim, certamente tinha abandonado a civilização para entrar em uma “terra-de-ninguém”, na qual não existia lei. Cada um era livre de fazer aquilo que queria, e ele aproveitou sempre muito dessa liberdade.

Passados estes primeiros anos, o estado brasileiro, emancipado também pelo trabalho dos colonos, começou a estabelecer-se e a tomar sempre mais forma de uma nação burocraticamente governada, e os pioneiros, que já tinham se estabilizado em suas terras por eles escolhidas, eram ajudados sempre menos. Começavam a chegar os controles, a lei e, inevitavelmente, também os impostos.

Tudo isto começou a gerar crise em Alessandro que, por um lado, não queria perder a sua liberdade de ação, e de outro, considerava todas as despesas, mesmo as menores, como qualquer coisa de traumático, com gestos que chegavam a ser extremos. A este propósito narrava-se um acontecimento que bem descrevia estas suas reações. Quando o governo decidiu fazer todos pagarem uma determinada taxa (não se sabe com certeza de que gênero de taxa se tratasse, e a que estava ligada), Alessandro perdeu completamente a luz da razão, e apresentou-se furioso na coletoria de impostos, tirou a camisa e, mostrando o peito nu, gritou aos incrédulos e espantados funcionários, com ares de aberto e decidido desafio: Matai-me! Matai-me!

Este seu comportamento extremo, como também o seu continuar a conduzir a

sua vida fora da lei, iniciaram a torná-lo mal visto pelos representantes locais do governo. Tornou-se um personagem difícil de tratar e nada agradável. O fato do homicídio citado antes não fez outra coisa do que piorar a sua posição, e de repente lhe veio uma intimação de “ou...ou”. Ou se empenharia em observar as leis e se poria na linha, ou então seria obrigado a abandonar o Brasil, com métodos coercitivos.

2.7 A escolha de retornar

Apesar de seu caráter duríssimo que bem revelava uma quase total falta de sentimentos, também Alessandro provavelmente sentia um pouco de saudades pela sua pátria nativa, a Itália. Como já foi dito, todos os imigrantes de Porto Franco eram muito ligados à sua pátria-mãe, e toda a vida dessa comunidade era vivida ainda exatamente como se fosse na Itália. Também o isolamento que a colônia tinha do “mundo evoluído” da cidade, facilitava muito essa manutenção da identidade e dos costumes que, aliás, permanecem ainda em nossos dias incrivelmente enraizados.

Alessandro e Elisabetta eram dois cônjuges cinquentões com saudades da Itália. Naqueles tempos os cinquentões eram considerados já anciãos. Eles se deram conta de que os filhos já eram grandes e começavam a se casar e a posicionar as suas vidas neste novo mundo. Os dois começaram a pensar que seriam obrigados a passar toda a sua vida no Brasil, sem nunca mais poderem rever o país natal. Se a estas considerações for unido também o aspecto legal e econômico das taxas para pagar também nesta terra que antes era livre, pode-se bem compreender que o pensamento

de retornar para a Itália se fazia sempre mais presente, e com certeza causava não poucas noites de insônia a Alessandro.

Não se sabe com segurança que coisa efetivamente induziu o chefe de família a tomar a decisão final. Não se sabe qual de todos esses aspectos citados tenha prevalecido em sua mente, mas pode-se crer que defronte de uma decisão tão difícil, Alessandro, habituado a enfrentar tudo sempre de peito aberto e sem hesitações, tenha parado para refletir e ponderar, mas ao final tomou a sua segunda grande decisão: **retornar para a Itália**

Não sabemos como os filhos acolheram essa decisão. Não sabemos se se encontraram diante de uma escolha irrevogavelmente tomada, ou se foram envolvidos logo pelas reflexões paternas. É belo imaginar uma cena “tipicamente familiar doméstica”, na qual toda a família, isto é, a mulher, todos os doze filhos, os três genros e – porque não – também os netos, se reunissem em torno de uma mesa para escutar as ideias do pai. Como é belo imaginar que todos, ao ouvir uma tão difícil proposta, pudessem exprimir os seus variados pontos de vista, também em consideração à vasta gama de idades e de afetos/interesses das pessoas envolvidas, para chegarem todos juntos à escolha mais acertada. Conhecendo, porém, o caráter de Alessandro, nada mais fácil de se adivinhar, de que os filhos tenham podido falar muito pouco, e tenham influído bem pouco na escolha final.

Não sabemos nem sequer se aos vários membros da família foi dada a liberdade de escolha sobre seus destinos. Com certeza Elisabetta foi obrigada a seguir o marido por dever conjugal, mas suponho que a ideia de retornar para a Itália, em suma, não lhe desagradava de todo. Os filhos mais jovens: Francesca, Eliseu, Ângelo e Antônia, foram praticamente obrigados a seguir os genitores para a Itália. As filhas casadas e os genros, com certeza, foram deixados livres para decidir por sua conta. Mas que coisa aconteceu aos cinco filhos grandes ainda não casados?

Boa regra era que as filhas solteiras permanecessem junto dos genitores, porque naquela época era impensável separarem-se da família. As moças sérias saíam de casa ou casadas ou freiras. Não lhes era permitido fazer aventuras! Não sabemos se Ângela e Vittorio tinham namorados em Porto Franco, com os quais poderiam casar-se. Sabemos só que eles foram para a Itália juntamente com os genitores e com os irmãos mais jovens.

As filhas casadas e os três genros fizeram a escolha óbvia de permanecer no Brasil. A sua vida já havia tomado uma rota bem definida, e não sentiam que deveriam mudá-la. Mas o que teria sido dito a João, a Vittorio e a Emanuele? Puderam escolher o seu destino, ou foram obrigados a obedecer à vontade paterna?

É mais do que certo que Alessandro queria que os seus três filhos homens, já grandes, fossem com ele para a Itália para trabalhar na terra que se apressava para comprar. Não teria sentido comprar uma fazenda a fim de dá-la para trabalhar para terceiros. Os três filhos representavam uma força de trabalho absolutamente indispensável para os projetos de Alessandro, e portanto não estava absolutamente disposto a perdê-los.

Comprar terra da outra parte do mundo e mover uma família de dez pessoas não era, por certo, pouca coisa. Tudo deveria ser organizado meticulosamente, e Alessandro fez de fato as coisas bem feitas. Comunicou ao filho mais velho, João, que queria partir junto com ele e viajar para a Itália com o intento de inspecionar algumas fazendas agrícolas, à venda, a fim de comprar uma delas, para a qual pudesse se transferir. E de fato os dois embarcam direto para a Itália.



Viajantes de primeira e segunda classe (foto primeiros anos '900)

Esta era a primeira viagem para João, que provavelmente nunca antes havia saído de sua região, na qual nascera e crescera, enquanto que para Alessandro, esta viagem representava o justo prêmio, depois de muitos anos de fadiga e de coragem não pequenas. Agora não viaja mais como emigrante nas condições difíceis e cansativas da viagem de vinda. Agora ele retornava como vencedor, e podia permitir-se uma viagem decente. Tem como companhia o seu filho maior, e pode portanto “gozar” a viagem sem precisar manter o olhar sobre toda a sua numerosa família. Pode-se dizer que, pela primeira vez, depois de 30 anos passados no trabalho e em meio à gente e aos familiares, finalmente podia gozar da tranquilidade do silêncio e a calma do repouso, durante a viagem.

O primeiro filho homem que o acompanhava representava para ele quase como que um troféu para exibir. Uma prova tangível de seu sucesso na vida era: ser agora um rico senhor economicamente, chegando acompanhado de seu primogênito homem, filho este que continuaria a sua obra, e que levaria adiante o seu nome. João, por sua vez, depois de anos de duro trabalho nas serrarias do pai, experimentava pela primeira vez, e talvez pela única, em sua vida, a beleza restauradora do repouso e da

vida cômoda num navio.

Quem sabe sobre o que teriam falado os dois, durante a longa viagem pelo mar? Talvez, ao menos nesta ocasião, Alessandro chegou a esvaziar a mente de todos os pensamentos que sempre o envolviam. Talvez tenha chegado por um momento a tornar-se um bom companheiro de viagem e descrevesse ao filho (com certeza, em tom menos áspero) as dificuldades de quando, ele, mais ou menos na mesma idade do filho, havia atravessado este oceano, carregado de esperanças e de sonhos, mas também com as imagens das dificuldades e da miséria, vividas na Itália, perenemente diante dos olhos. Infelizmente, ninguém sabe de nada do que possam ter conversado...

Depois de mais de um mês de navegação, pai e filho chegaram na Itália - muito provavelmente em Gênova - e daqui partiram para Bérgamo, a terra-mãe. Alessandro revia finalmente a sua terra, as suas origens. Já o filho João via, finalmente, estes lugares tão diferentes da realidade à qual estava habituado, e dos quais, com certeza, tantas vezes ouvira falar nos relatos dos anciãos de Porto Franco.

A procura de uma fazenda agrícola para comprar induziu os dois a Covo, uma vila distante poucos quilômetros de Bariano, o lugar onde nascera Alessandro. Ali encontraram, no campo, a sudoeste da vila, ao longo da estrada que conduzia ao vizinho município de Camisano, uma fazenda de cerca de 54 hectares que Alexandre decidiu comprar: a Battagliona, chamada de “La Batiuna”, em dialeto Bergamasco.

Enquanto se encontravam na entrada da casa desta fazenda, Alessandro iniciou a descrever ao filho João a ideia que tinha em mente de como iria organizar toda a sua grande família na fazenda, e iniciou a indicar ao filho onde poderia construir a sua própria casa. Neste momento aconteceu uma coisa que Alessandro nunca teria esperado. O filho João confessou ao pai que a sua namorada não estava disposta a vir para a Itália, e ele não queria deixá-la (como, aliás, o fez seu irmão Emanuele, com a namorada dele). João comunicou ao pai a sua firme decisão de permanecer no Brasil!



Cascina Battagliona: vista della casa dove abitavano i Tironi e vista d'insieme dell'aia (fotografie – anno 2002)

Deste fato há um belo e apaixonante testemunho feito pela velha tia, residente

em Nova Trento, Francisca Andreoli, viúva Tirloni. Ela se tornaria nora de João, mas sem conhecê-lo pessoalmente. Ela ouviu esta história que foi contada pela sogra Narcisa, viúva de João, que aliás a contava muitas vezes.

A tia ainda conta, num dialeto misto bergamasco/vêneto, no qual aparecem também termos em português: *“só pai del me pore sogro el diseva: “ndom en Italia perché ché me ma se anse po de stá; ndom a Berghem, scoldem un toc de terra la ‘ndela Italia”. Alura i è andai via e de fatto i ga scoldet sto toc de terra e lù l’ga dit: “che ti puoi farte una casa per tì là, e vegnem tuti qua n’Italia”. Alura el me sogro el’ga dit: “vardè, pai, me so vegnit en Italia a acompagnarve voaltre, per discutere, per fa el negose, ma mi de Nova Trento mi non mato (???) perché mi voro ben alla Narcisa e mi voi maridarme là e par la Italia no vegno”* Traduzindo: “O pai de meu falecido sogro (Alessandro) dizia: “Vamos para a Itália, porque aqui não me agrada mais permanecer. Vamos a Bérgamo e compremos a terra, lá”. De fato, depois foram para a Itália e compraram a terra, e ele (Alessandro) disse: “Neste lugar poderás construir uma casa para ti, e viremos todos para a Itália”. Então meu sogro (João) disse: “Veja, papai, eu vim para a Itália para acompanhá-lo, para discutir, para fazer o negócio, mas eu de Nova Trento (talvez a tia fez confusão, queria dizer Porto Franco, em vez de Nova Trento) não sairei, porque quero muito bem a Narcisa, e estou decidido a casar-me com ela. Portanto, para a Itália eu não virei”

Por este relato, para dizer a verdade, parece que Alessandro já sabia onde iria comprar a terra. Talvez tivesse mantido contatos com a Itália – talvez com os seus familiares – os quais lhe teriam feito saber onde e como mover-se para comprar terra. Esta, porém, é somente uma suposição quase seguramente errada.

Esta decisão de João foi uma verdadeira punhalada em Alessandro! Pai e filho, a esta altura, retornaram para o Brasil para organizar o traslado da grande família, mas esta viagem de volta, para ambos, foi seguramente menos relaxante do que a viagem de ida.

Alessandro ficou com raiva, e com certeza também desgostado pela nova direção que tomaram os fatos. Podemos imaginá-lo, com seus modos bruscos, tentando convencer o filho a falar com a namorada para “obrigá-la” a segui-lo, ou então, a deixar a namorada para seguir com a família para a Itália. Conhecendo o difícil caráter de Alessandro, pode-se crer que ficou tão raivoso a ponto de não mais dirigir a palavra ao filho, ou então, a dizer-lhe que não tinha nenhuma intenção de presenciar este casamento. Infelizmente não sabemos como se desenvolveram estes acontecimentos entre pai e filho, e não sabemos nem sequer como a família recebeu essa notícia, quando os dois chegaram a Porto Franco. Por certo não deve ter sido um momento fácil.

Agora todos se encontravam juntos em Porto Franco, e considerado o tempo de percurso dos navios, pode-se imaginar que a viagem dos dois tenha durado pelo menos quatro meses.

No Brasil havia muitas coisas a fazer antes de partir. Além das inevitáveis coisas a levar para a Itália, havia também a regularização de todos os aspectos

burocráticos, a venda e a sucessão das várias terras e propriedades aos filhos que permaneceriam no Brasil.

Ao filho João deixou toda a sua propriedade de Águas Negras, a localidade situada um pouco distante da vila de Porto Franco, ao longo da estrada que levava para Nova Trento. Disto há o testemunho da tia Francisca, de Nova Trento, que conta: “*la me puora sogra la disia che l’ga lasat la vaca, i porci, le galine e la casa, casa de madera, e tutto che ghera e lur i ga ciapà su e i è’ndat tuti enbora con la famiglia ...e lu l’è restà li*” Traduzindo: “A minha defunta sogra contava sempre que ele lhe deixou a vaca, os porcos, as galinhas, a casa de madeira, e tudo aquilo que ali havia (a serraria), e eles foram todos embora... e ele ficou ali”.

Para a filha Joana ele deixou (ou mais provavelmente vendeu) uma propriedade na localidade denominada Gabiroba, e deixou também a atividade do refeitório e o empório.

Com certeza deixou qualquer coisa ou vendeu algum pedaço de terra também para a filha Albina, mas disto não existem provas.

Vendeu uma grande propriedade por 1.000.000 de réis para sua irmã Rosa e cunhado Carlos, e deixou ao co-sogro Pietro Giacomo Morelli (pai de seu genro João Morelli) a procuração para representá-lo legalmente e tornar-se o intermediário, até que Rosa e Carlos tivessem saldado a dívida que tinham com Alessandro. Não temos como quantificar o câmbio da época, mas parece que a cifra era deveras muito grande.

Pelo documento redigido para essa transação, deduz-se que o jovem casal não tinha o dinheiro suficiente para liquidar o débito (que seria saldado em duas partes de 50%, em dois anos) e mesmo por isso foi registrado no “registro de débitos” oficial.

R\$. 500.000

Declaro eu Pedro Morelli abaixo assignado, que nesta data recebi do Sr Carlos Tridapalli e Rosa Tirloni a importância supra de quinhentos mil réis (R\$. 500.000) em moeda corrente deste País. A dita quantia a recebo por conta e ordem do Sr Alexandre Tirloni, actualmente morador na Itália, restando ainda para a total solução da dívida que os em pra mencionados Tirs devem a Alexandre Tirloni a importância de um conto de Réis, em firme a declaração pública da dívida existente no Cartório de Paz da Villa de Nova Brenta.

E por ter recebido mandei passar o presente que assigno na presença de duas testemunhas. Por falta de sellos para sellada em tempo oportuno.

Nova Brenta em 17 de Junho de 1911.

Pedro Morelli

Testemunhas

Alessandro Cattone

" " "

Pedro Paulo Lauz

Acto notarial da dívida feita da Rosa Tirloni e Carlos Tridapalli com Alessandro Tirloni (ano 1911)

Não se sabe se era uma prática obrigatória, pelo fato de que se vendiam terrenos, ou se foi feito por vontade de Alessandro. Se esta última hipótese, porém, fosse verdadeira, tudo isso seria incrível, porque demonstraria que quando estava em jogo o dinheiro, ele não se fiava nem mesmo na palavra dada pelos filhos!

Quando tudo estava preparado, veio o dia da partida. Depois de trinta e três anos passados no Brasil, Alessandro se preparava para deixar definitivamente aquele pequeno canto do mundo, perdido no mato, onde se falava Bergamasco, o qual nasceu e se desenvolveu também - ou para dizer melhor: "sobretudo" - por seu mérito. Havia chegado a estas terras, ainda jovem, carregado de esperanças e de vontade de vencer. Transformou uma floresta inexplorada em uma colônia fervente de atividades, e agora com cinquenta e sete anos, se apresentava para enfrentar uma nova aventura naquela terra que havia deixado por desespero, tantos anos antes.

Nesta nova aventura não estava sozinho, mas sim acompanhado da mulher e da maior parte dos filhos. Não era um deserdado, mas ao contrário, era um homem rico. Portanto, tudo fazia pensar que agora, para ele, o caminho era cômodo e em descida. Segundo minha opinião, porém, não deve ter sido fácil para ele dar este passo e começar tudo de novo.

Este era o momento de fazer o balanço, e seguramente Alessandro olhou ao seu derredor, procurou captar pela última vez aquelas imagens tantas vezes vistas de Porto Franco e de sua gente. Abandonar tudo aquilo que fez e foi construído com suor e cansaço, não era certamente fácil, e com certeza as emoções que teria provado não devem ter sido muito diferentes daquelas que, quando jovem, havia experimentado ao partir como emigrante na direção do Brasil.

Com certeza, para os dois cônjuges, o momento da definitiva despedida de seus filhos deve ter-lhes causado um impacto muito forte. Podemos imaginar o quanto tenha sido doloroso aquele momento, até mesmo para uma pessoa como Alessandro. A saudação que dirigiram reciprocamente era, de fato, um "Adeus", e não um "até logo". Saudaram-se com a certeza de que não voltariam nunca mais a se ver.

Não temos relatos detalhados sobre este momento, portanto não sabemos com precisão como foi exatamente esta despedida. É agradável pensar que, ao menos numa ocasião de uma semelhante despedida, todos estivessem presentes, juntamente com os amigos e conhecidos da vila.

Com certeza estavam presentes:

- Joana, filha primogênita, que tinha vinte e nove anos, e que oito anos antes havia contraído um bom matrimônio com João Morelli, que tinha trinta e cinco anos. Os dois tinham quatro filhos: Luís de sete anos, Maria com cerca de cinco anos, Anna que tinha três anos, e José que tinha apenas um ano.
- Albina, segunda filha, que tinha vinte e cinco anos, e estava casada há dois anos, com José André Maestri, que tinha vinte e seis anos. Este casal tinha uma filha de pouco mais de um ano, de nome Maria.
- Rosa, a terceira filha, que tinha vinte e quatro anos, e também ela há quatro anos havia contraído um ótimo casamento com o neotrentino, Carlos Tridapalli, de trinta e seis anos. Não sabemos quantos filhos tinham, neste momento, além do primogênito Luís, de 3 anos.

- João, o primeiro filho homem, que como foi dito, tinha vinte e três anos, e estava próximo do casamento com uma moça neotrentina, de nome Narcisa Geselle.

Estes eram os familiares que ficaram. Além deles, com certeza, estavam presentes muitos conhecidos e amigos que saudaram os que partiam: os velhos “companheiros de aventuras”, isto é, os pioneiros que juntamente com Alessandro chegaram por primeiro ao “porto franco”, como por exemplo, o velho Pietro Giacomo Morelli (1844-1918) com a mulher Anunciata Maria Vvassori (1850-1929), e os velhos casais Maestri (todos conhecidos de Alessandro e Elesabetta). Mas estavam presentes, também, com certeza, os jovens amigos dos filhos de Alessandro, e certamente também a namorada que Emanuele deixava no Brasil.

Vittorio, o segundo filho homem de Alessandro, estava entre aqueles que saudavam os que partiam, pois permaneceu no Brasil, ainda por um ano, para terminar os estudos. Ele se reuniria à família um ano depois.

Com certeza houve muitas lágrimas. Sobretudo pode-se imaginar que Elisabetta, mulher delicada e doce, tenha sofrido muito ao separar-se das filhas e dos netos. Não se pode excluir, porém, que também um homem do jeito de Alessandro se tenha comovido.

Chegou o momento da definitiva separação. Enquanto todos os daqui ficavam parados e saudavam os que iam, o grupo de nove pessoas voltava as costas definitivamente para Porto Franco, para se encaminhar para a Itália. Os que partiam voltavam-se para trás para olhar, pela última vez, o rosto dos habitantes e dos familiares, que se tornavam cada vez menores. Pouco a pouco as suas figuras foram desaparecendo para sempre. À medida que prosseguiam, também a pequena vila de Porto Franco e o cume das colinas tão familiares, acabaram por serem rapidamente envolvidas pela densa vegetação, e desaparecerem.

Embarcados em Itajaí, enquanto o navio soltava as amarras e zarpava na direção da Itália, podemos imaginá-los todos com roupas bonitas, com os rostos sérios, encaminharem-se para a ponte do navio, e depois voltarem-se na direção da popa, para saudar pela última vez aquele canto do mundo que lhes deu deveras tanto, e verem desaparecer a terra firme, dizendo dentro deles: “Adio Brasile”!

Como para a viagem empreendida poucos meses antes por Alessandro e João, certamente também desta vez as condições nas quais a família viajava, eram boas. Alessandro tinha as possibilidades econômicas para fazer viajar todos na primeira classe, mas visto o grande número de viajantes, pode-se presumir que o patriarca tenha optado por fazer viajar a família numa classe mais econômica, mas de qualquer modo, na digna segunda classe.



Vida no navio em segunda classe (foto primeiros anos '900)

Agora, certamente, era a vez de Elisabetta, depois de tantos anos de duro trabalho, poder gozar de repouso, e a “vitória social” que o seu status de mulher rica lhe oferecia. É uma senhora de meia idade (53 anos) pertencente à rica burguesia, e que viajava em companhia do marido e de numerosos filhos.

Não importava se suas mãos, por certo tão calejadas, revelavam os anos de duro trabalho e as fadigas às quais foi obrigada a acostumar-se. Já não faziam mal nem sequer as humilhações infligidas pelo tremendo caráter do marido, e não queimavam mais todas aquelas vezes que, por obediência conjugal, teve que abaixar os olhos e engolir em seco, maus tratos esses sempre perpetrados pelo marido. Ela saiu-se muito bem no seu papel de mulher e de mãe, enquanto seguiu e sempre ajudou o marido em sua aventura, garantindo-lhe uma numerosa prole, da qual sempre tomou conta, e que agora podia definir-se, com pleno direito, como uma mulher rica. Isto era com certeza, muito mais do quanto sonhou como jovem emigrante, e desta vez era ela quem podia gozar a viagem da vitória, circundada de seus troféus: os filhos.

Para todos os jovens, esta era a primeira viagem de suas vidas, e portanto, com certeza, rica de emoções. Talvez o único que não gozava plenamente esta viagem era

Emanuele, e com certeza era ele quem, mais vezes, voltava o seu olhar para a popa do navio, e olhava a trilha de espuma branca deixada por ele, uma trilha que levava de volta para o Brasil... Não deve ter sido fácil para ele, jovem obediente e de caráter suave, deixar a namorada, para seguir os desejos da família. Quem sabe como se sentia... Talvez como um traidor! Infelizmente, não temos relatos deste fato.

Entre todos os membros da família, Alessandro era já um viajante experiente. Esta era a terceira vez, em poucos meses, que sulcava o mar, e seguramente estava de tal modo habituado às emoções de tal viagem, que tudo poderia se tornar enfadonho. Mas, infelizmente, para ele esta viagem estava sendo a pior de todas, destinada a não ser jamais esquecida, por nenhum daqueles que dela participavam.

Mesmo que não estivessem viajando como emigrantes e em condições extremamente ruins, um navio permanece sempre um lugar restrito, e os riscos são sempre possíveis. Se porventura ocorresse uma epidemia, todos os viajantes, também os de primeira classe, correriam sérios riscos.

Ao embarcar no porto de Itajaí, estavam presentes nove pessoas. Mas somente oito desembarcaram em Gênova. Não sabemos com exatidão o que ocorreu, e quando teria acontecido. Talvez tenha sido por causa de uma epidemia, ou talvez tenha sido simplesmente uma ocorrência infeliz que atingiu uma pessoa, mas infelizmente, durante a travessia, o penúltimo filho, Ângelo, adoeceu gravemente, e para nada valeram os cuidados que lhe foram prestados.

Em breve, Ângelo fechava para sempre os seus jovens olhos. Tinha apenas treze anos.

Podemos bem imaginar a tristeza e o desespero que atingiu toda a família naquele momento. De Ângelo não temos nem fotografias e nem documentos. Dele não se sabe praticamente nada. Não sabemos nem sequer com exatidão a sua idade. Foi citado nas crônicas familiares só e exclusivamente por causa do fato de sua morte. É muito triste pensar que esse jovem sobreviveu às insídias da natureza selvagem de Porto Franco, e morreu por “culpa” da vontade paterna de retornar para a Itália.

Talvez Ângelo estivesse entusiasmado com a ideia de embarcar num navio e fazer uma longa viagem, em direção à terra de origem de seus genitores, da qual tantas vezes ouvira falar. Talvez, ao contrário, a ideia da viagem o amedrontava e entristecia, porque perdia os amigos... Não podemos nunca saber, mas aquilo que é certo é que ele era pequeno, portanto pertencia ao grupo que não tivera outra escolha, e lhe coube a triste sorte de subir naquela maldita nave.

Diga-se de passagem que, naquele tempo, as pessoas eram muito mais preparadas e “habitadas” à ideia da morte. Esta era uma companheira que corria sempre muito próxima de todos, dados os escassos meios da medicina. Bastava, de fato, pouco ou nada, para enviar uma alma para Deus. Certo é que, no meio do mar, inerte diante de um evento tão cruel que se lançou sobre um rapaz tão jovem, com certeza Alessandro teria elevado os olhos aos céus, e teria perguntado cheio de raiva: ... mas por quê?...



Funeral no navio (fotos primeiros anos '900)

Infelizmente à desgraça juntou-se a desventura. Naqueles tempos os navios não estavam aparelhados com frigoríficos, e seguramente não tinham à disposição nem sequer caixões para tornar possível o transporte do corpo até a Itália. Considerando o fato de que a viagem, por mar, durava mais de um mês, havia problemas não pequenos de higiene, ao se transportar espólios mortais, especialmente se a morte dos infelizes ocorresse por causa de doenças contagiosas.

Infelizmente, portanto, também os ricos precisavam acertar as contas com a desapiadada lei do mar, que privava os familiares até de uma túmulo, sobre o qual pudessem chorar. O corpo foi colocado num saco branco, talvez coberto pela bandeira nacional. O funeral do jovem foi celebrado sobre a ponte do navio, oficiado por um

alto oficial, ou talvez pelo próprio comandante. Depois, os restos mortais de Ângelo foram confiados ao mar.

A última imagem que tiveram dele os atônitos familiares era a do saco branco que desaparecia nas águas, envolvido pela dança macabra de grandes peixes, até agora desconhecidos (talvez se tratasse de esqualos). E sobre o navio caiu um triste silêncio, interrompido apenas pelo pranto dos presentes.

Recentemente surgiu uma versão diferente, relativa a este fato, que se por uma primeira análise pode parecer estranha e pouco crível, por outra, pode ser muito possível e verificável, se considerarmos a coragem e a determinação de um personagem como Alessandro. A história, também esta transmitida pela tia Giuseppina Martilelli, afirma que a morte teria ocorrido provavelmente quando o navio já se encontrava no mar mediterrâneo, portanto durante os últimos dias de navegação. E para evitar de precisar incorrer na lei do mar que exigia fazer o típico funeral como foi descrito acima, a família Tirloni decidiu calar tudo e esconder o cadáver. A morte teria sido comunicada somente no momento em que o navio havia praticamente chegado em Gênova, e portanto o cadáver teria sido levado para a terra, e depois das exéquias teria sido sepultado num cemitério de Gênova.

Parece incrível, mas a respeito de Ângelo existem apenas relatos orais, e não se sabe nem sequer com exatidão quantos anos tinha, ao falecer. Seu nome não foi lembrado em nenhuma lápide, nem sequer na grande tumba da família, no cemitério de Covo. Aliás, nenhuma eventual referência escrita a seu respeito, em alguma carta, chegou aos nossos dias. Como também em nenhum registro municipal ou paroquial italiano foi anotado o seu prematuro desaparecimento. Talvez, a nível burocrático, em um caso como este, teriam sido suficientes os registros navais. Infelizmente não sabemos o nome do navio que trouxe a família Tirloni para a Itália. Admitindo que se soubesse o nome do navio, o século transcorrido desde daqueles fatos até hoje, por certo lançaria tudo para o esquecimento. Em nenhuma das cartas encontradas da velha correspondência fala-se dele.

Enquanto sobre o navio a família Tirloni fora envolvida pelo triste sofrimento, no Brasil, os irmãos que permaneceram, sem o conhecimento de tudo quanto havia ocorrido aos seus familiares na viagem, se reuniam para fazer uma festa. No dia 17 de julho de 1909, na capela do Sagrado Coração de Jesus de Nova Trento, o filho João casava-se com Narcisa Geselle, e foi sua testemunha o próprio irmão mais jovem, Vittorio, que havia permanecido no Brasil para terminar os estudos. Parece incrível, mas deixa uma impressão de que este casamento tenha sido realizado de propósito quando todos já estivessem no mar, a fim de que Alessandro não pudesse absolutamente fazer ouvir a sua voz.

João, apenas chegado da viagem à Itália, na qual havia comunicado ao pai a sua intenção de não ir com a família, ele formalizou o seu pedido de casamento, mas precisou submeter-se às exigências eclesiais/burocráticas antes de se casar, o que levava algum tempo. Certamente Alessandro também tinha outras exigências a

respeitar pela compra da fazenda Battagliona que o obrigava a estar presente no território italiano, não depois de uma data determinada. Portanto, foi por isso que a família não pôde permanecer para presenciar o casamento do filho maior.

Talvez, por outra hipótese, tudo teria caminhado de modo diverso, e a família estivesse presente ao casamento. Mas os relatos dos parentes do Brasil concordam no dizer que “todos foram embora, e João permaneceu sozinho”. E no registro Municipal de Bariano está consignada, a lápis, a nota relativa a Alessandro, “transferido para Covo no dia 24 de julho de 1909”. Portanto, é impossível que a família Tirloni se encontrasse no Brasil, apenas dez dias antes.

Foram feitas várias hipóteses a respeito dessa nota escrita a lápis, mas todas são consideradas sem fundamento, vista e considerada a breve distância que intercorre entre as duas datas.

2.8 A nova vida em Covo

A família desembarcou em Gênova com um componente a menos. Não chegamos a saber como teriam sido os procedimentos no caso da morte de Ângelo. Talvez a morte de Ângelo devesse ser notificada à capitania dos portos, ou talvez teriam sido suficientes os registros navais, não sabemos. Cumpridas todas as

eventuais formalidades, os Tirloni se dirigiram para a direção das terras bergamascas e, segundo o registro, chegaram em Covo exatamente nos últimos dias do mês de julho.

A primeira coisa que fizeram foi comunicar aos irmãos do Brasil a desgraça da morte de Ângelo, enquanto do Brasil chegava a notícia do casamento, e estas correspondências deram início a uma comunicação que persiste e liga a nossa família da Itália e do Brasil, ainda nos nossos dias.

Alessandro, por certo, procurou sempre convencer os filhos que permaneceram no Brasil a virem para junto dele, enquanto os outros filhos, vindos para a Itália, começaram a sofrer de uma doença até agora desconhecida para eles, que não os abandonará jamais: a “saudades” da terra natal. Em suas mentes permaneceriam para sempre as imagens e o sonho do Brasil, como da terra afortunada, na qual poderiam refugiar-se nos momentos difíceis.

A comunidade de Covo se deu conta, desde logo, da chegada dessa nova família, também porque se não tratava, por certo, de gente qualquer. Antes de tudo, os rapazes, em sua primeira aparição na comunidade, foram vítimas de longas risadas porque vestiam calças xadrez, de cores muito vistosas, como era típico em todos os “países quentes”. Se pensarmos que, na época, para o homem era só concedido vestir-se de roupas escuras, os jovens Tirloni devem ter parecido muito excêntricos. Com o tempo, todos começaram a adequar-se à moda local, e este problema foi superado.

Alessandro, de seu lado, impôs-se, desde logo, sobre a sociedade da vila como um realizador muito rico. Basta pensar que a primeira imagem que dele tiveram os habitantes do pequeno centro rural Bergamasco foi aquela de um senhor, que atravessou o oceano juntamente com um filho, para examinar pessoalmente uma fazenda para comprar, que depois retornou para o Brasil, e que agora se apresentava juntamente com toda a sua família. Concluíram, portanto, que se tratava de uma pessoa que se interessava, em primeira mão, dos seus próprios negócios, a ponto de enfrentar três travessias oceânicas em pouco tempo, bem como de comprar, sem problemas, uma fazenda, e para ela se transferir com a família. Era evidente que se tratasse de um dos poucos emigrantes que, na “Merica”, como se costumava dizer naquele tempo, fez fortuna! Por isso mesmo, foi imediatamente denominado pelos habitantes de Covo, com fala dialetal bergamasca de: “el siúr Americà”, ou seja, “o Rico Americano”.

Em bem da verdade, é preciso dizer que a fazenda Battagliona tinha um terreno de apenas 54 hectares e, em suma, era obviamente pequena, se considerarmos as enormes potencialidades econômicas das quais dispunha Alessandro. Ele podia ser considerado, para todos os efeitos, como **o homem mais rico de Covo**. Poderia, eventualmente, comprar muitos terrenos neste pequeno município, em vez de se reduzir a viver numa pequena propriedade.

Esta escolha era realmente estranha, e até agora ainda é difícil de se compreender. Aliás, também porque nos relatos transmitidos até nós, nunca se fez menção de uma clara explicação dada por Alessandro, no que se refere à compra de uma pequena fazenda. Meu pai, perguntado sobre isso, respondeu que, segundo sua opinião, foi uma medida de cautela adotada por Alessandro, pelo fato de não ter experiência prática do mercado econômico italiano, e por isso, provavelmente, preferiu evitar de empenhar, desde logo, muito dinheiro.

Certo é que a liquidez econômica da qual dispunha Alessandro era deveras impressionante. Não se deve esquecer que, quando desembarcou na Itália, tinha consigo dois sacos cheios de moedas de ouro: eram os 500.000 réis, fruto da venda do terreno, no Brasil, à filha Rosa e ao Genro Carlos Tridapalli, eram todas as suas economias feitas no comércio da madeira, eram a venda de outras propriedades em Porto Franco, bem como os outros 500.000 mil réis, recebidos dois anos depois, como pagamento da dívida de sua filha Rosa.

O detalhe dos dois sacos cheios de moedas de ouro foi transmitido pelos relatos dos nossos velhos, de ambas as famílias, seja esta de cá, na Itália, seja a de lá do oceano, no Brasil. A única discrepância é que os relatos ouvidos na Itália falavam de “Esterlinas”, enquanto os relatos brasileiros falavam de “Réis”. Pode ser que Alessandro, no Brasil, antes da partida, tenha feito converter todo o dinheiro recebido (Réis, portanto) em uma moeda corrente, mais facilmente aceita por qualquer banco, isto é, a Esterlina, que era unanimemente a moeda com a qual se efetuavam as transições econômicas mundiais, antes do Dólar. Nunca esquecerei a imagem de meu avô que, enquanto descrevia de modo muito enfático esta história, para melhor exprimir a ideia, indicava com as mãos a dimensão de cada um destes sacos, que chegavam a ter 30 cm de comprimento por 10 cm de diâmetro.

Provavelmente este dinheiro foi depositado num banco. Não sei se existia algum, naqueles tempos, em Covo, mas provavelmente existia pelo menos um posto bancário. Podemos deduzir isto também porque deve-se considerar o detalhe dos 500.000 mil réis, a serem pagos, do débito de Rosa.

Como teria chegado a Alessandro esse dinheiro vindo de Nova Trento? É improvável que alguém tenha enfrentado uma travessia oceânica para entregá-los diretamente nas mãos de Alessandro. E é absolutamente impossível que tenha sido expedido. Portanto, a coisa mais provável é que Alessandro tenha aberto uma conta no banco, na qual depois foi depositado o dinheiro com uma simples transação bancária.

O certo é que ninguém sabe com precisão se os famosos dois sacos cheios de moedas de ouro tenham sido depositados logo, ou se tenham sido guardados em casa por Alessandro, que talvez os escondeu mesmo como se usava fazer naquele tempo “debaixo do colchão”.

Quem sabe como foi a vida na fazenda Battagliona nestes primeiros tempos... É preciso imaginar que todos deviam levar a sua vida normal e seguir os seus costumes. A comida era diferente, o trabalho era também diferente daquele que faziam no Brasil, mas sobretudo as condições meteorológicas eram muito diversas.

O longo frio invernal era, por certo, uma coisa à qual os jovens Tirloni não estavam preparados, e ao qual Alessandro e Elisabetta já não estavam mais acostumados. Quem sabe o que teriam experimentado os jovens, durante o primeiro inverno passado na Itália. As longas horas sombrias e úmidas teriam parecido intermináveis. O úmido frio que entrava pela carne e chegava aos ossos teria parecido um obstáculo tremendo, e depois o frio teria piorado ainda mais e teria chegado a neve. Quem sabe como teriam reagido os jovens diante da primeira nevada de suas vidas... Quem sabe o que teriam pensado, depois de meses passados no frio mais impensável... Seguramente teriam pensado em sua pátria nativa, o Brasil, teriam pensado no calor tórrido do longo verão, e talvez teriam todos pensado que estariam melhor no meio do mato, com o medo de serem assaltados pelos Bugres, em vez de estar na Itália a morrer de frio.

Ainda agora os parentes brasileiros não tem uma ideia de que coisa pode significar uma nevada e viver por meses em meio à neve, porque na região de Brusque nunca foi vista, e todos dela falam de maneira indefinida, sem precisamente saber o que estão dizendo. Recordarei sempre os rostos estupefatos das crianças dos nossos parentes, enquanto escutavam os nossos relatos como se fossem fábulas!

Depois de dois anos da chegada em Covo celebrou-se, em família, o primeiro casamento italiano. No dia 18 de fevereiro de 1911, a filha maior, Ângela, casou-se com o conterrâneo Agostinho Nava, cinco anos mais velho do que ela.

Apresentava-se, nesta ocasião, para Alessandro, a incumbência do dote a pagar, e sabemos pelas cartas que vieram do Brasil, escritas alguns anos depois, que a intercessão da mãe Elisabetta foi fundamental para que Ângela obtivesse um dote decente, e não ficasse mal no relacionamento com o marido.

A mãe Elisabetta, mulher boa e amável, deve ter tido, desde sempre, um desempenho determinante na família, como ligação entre o marido Alessandro e os filhos. Também se naquele tempo o desempenho das mulheres na sociedade era de total marginalização e de cega obediência ao chefe da família, (pai ou marido, que fosse), sem possibilidades de contestação, Elisabetta deve ter combatido muito contra o marido, para o bem dos seus filhos. Deve ter sido a única que chegava, com certeza a preço de enormes fadigas, a fazer o marido raciocinar e rever certas decisões, quando ele se envolvia em coisas evidentemente erradas. Aliás, prova disso foi o seu persistente agir nos confrontos com Alessandro, quanto ao dote da filha Ângela.

No início do ano seguinte, o filho Vittorio, terminados os estudos colegiais, embarcou para a Itália e se reuniu à família em Covo. Talvez, foi por ocasião da

chegada de Vittorio que a família reunida fez uma festa, e para essa ocasião foi chamado um fotógrafo para a fazenda Battagliona, o qual fez a primeira foto da nossa família.



Família Tirloni: Foto feita na fazenda Battagliona em Covo (foto ano 1912)

*Em ordem de esquerda à direita:
Eliseo, Francesca, Vittorio, Emanuele, Vittoria, Antonia
Alessandro, Elisabetta*

Dessa fotografia foram feitas várias cópias que, aliás, também foram expedidas para o Brasil. Uma cópia original, feita na época, chegou até os nossos dias. Sempre naquele mesmo dia foram feitas outras fotografias de Alessandro e Elisabetta. (Conclui-se que foi no mesmo dia porque as vestimentas dos dois são as mesmas da foto da família, embora a postura seja diferente). Estas fotos de Alessandro e Elisabetta foram, depois, utilizadas para as suas lápides, no cemitério de Covo.

Infelizmente nesta foto falta a filha maior, Angela, que sendo já casada, não vivia mais em casa. Graças a esta foto podemos finalmente associar um rosto aos vários protagonistas desta história, da qual tanto temos falado até agora.

Na foto todos estão sérios, como convinha naquele tempo quando alguém se apresentava para fazer o “litrat” (o retrato), como se dizia em dialeto. A fotografia era

vista como uma coisa importante, e era preciso estar sério. Nesta foto todos estão impecavelmente elegantes e bem cuidados (coisa não descuidada na época, também para gente de bens). As moças apresentam penteados particularmente vistosos e ricos, como deveria estar em moda, naquela época, e todos os jovens levam objetos de apreciável valor como, por exemplo, colares, cinturas e brincos, e os rapazes exibem relógios de algibeira, com a corrente bem em evidência sobre os coletes.

Alessandro, no momento desta foto, tinha há poucos meses completado 60 anos, e mesmo se, naqueles tempos, já fosse considerado um homem velho, ele aparece realmente inteiro em sua posição de chefe de família. Está completamente de cabelos brancos, e seu rosto magro e contraído está moldurado por fortes bigodes brancos caídos, como era moda na época junto das classes menos abastadas. A expressão é forte e seriíssima, e o olhar é firme, direto e seguro. A única coisa que talvez pudesse deixar traír uma qualquer insegurança são as grandes e fortes mãos que estão apertadas uma na outra. Pode-se compreender isso, devido à pouca familiaridade com a postura a ser assumida numa fotografia, mais do que a presença de um real acanhamento. Não parece estar muito cômodo nesta posição, e não lhe devia ser confortável estar sentado, inativo. Não parece nada relaxado mas, ao contrário, parece estar com os nervos tensos, pronto para “disparar”.

Elisabetta tinha cerca de 56 anos e, ao contrário do marido, começava apenas a se tornar grisalha. Na foto, seu rosto, pelos alinhamentos mais marcados, parece menos envelhecida do quanto poder-se-ia esperar de uma mulher que teve 12 gravidezes e uma vida por certo nada fácil, assinalada pelo trabalho e pelos sacrifícios. A expressão é suave e bondosa, com um olhar materno, e em suma, ela aparece doce, mas deixa transparecer olhos revestidos de canseiras que fazem compreender “terem visto muitas coisas” e terem combatido muito. Ela parece muito mais relaxada do que o marido e não parece estar desconfortável na posição de matriarca. As suas grandes e longas mãos nos fazem compreender que o seu trabalho não foi só aquele doméstico, e que, por certo, não está ainda terminado. Mostra-se uma mulher delicada, e talvez cansada, mas por certo não resignada.

Na foto, Eliseu tinha quase 17 anos e deixava transparecer ainda uma pequena cota daquela distração e insegurança de adolescente, da qual pode permitir-se em uma família como essa. Para ele o tempo dos brinquedos havia acabado, fazia tempo, e de fato nota-se nele já um forte aceno à seriedade que se aduz a uma pessoa que já faz fadiga no trabalho, para dar um contributo ao pão de cada dia.

Francesca tinha 18 anos. Aparece, na foto, doce e serena. Espontaneamente apoia a mão sobre o ombro do pai. Ela é a única dentre todos os irmãos que, neste momento, procura um contato físico com os genitores, e isto deixa entender um apego nos relacionamentos com os mesmos. Por um certo tempo não se chegou a associar com certeza um nome a este rosto. Foi muitas vezes confundida com a irmã maior, Ângela, mas graças às várias fotografias encontradas de ambas, agora se pôde finalmente associar um nome seguro a cada uma das moças.

Vittorio tinha 24 anos, e na foto é o mais velho dentre os irmãos que voltaram para a Itália. Ele é talvez aquele que entre os irmãos mais se assemelha esteticamente ao pai. Tem o mesmo rosto magro e afunilado, mesmo tendo o queixo mais quadrado. Estava na Itália, fazia pouco, e talvez ainda estivesse se sentindo um pouco expatriado, ou até estivesse presente, mas não muito a seu gosto. Na foto apresenta uma imagem de jovem determinado.

Emanuele tinha 21 anos, e na foto é o único que acena um discreto sorriso. Assemelha-se muito ao irmão Vittorio, mas o seu rosto aparece menos magro, e é fisicamente mais avantajado. É o mais alto da família, com uma altura que vai além de 1.80 m. É uma altura com certeza superior à média da época.

Vittoria tinha 19 anos, e na foto é aquela dentre as irmãs que parece mais segura de si. Tem uma frente alta e o olhar decidido. Ela é quem mais aparece pelo elevado grau de cuidado do cabelo, e o perfil do rosto recorda muito aquele do pai e do irmão Vittorio.

Antônia tinha quase 13 anos. Também para o seu reconhecimento na foto houve muitas dúvidas, e só pelo encontro de outras fotografias das irmãs maiores é que agora se pode afirmar com razão a sua identidade. Não obstante a sua estatura ser praticamente a mesma das irmãs, o seu rosto aparece muito jovem, e a sua testa levemente abaixada, juntamente com o olhar tímido, deixa transparecer que é a caçula da família.

No momento em que foi feita esta fotografia, obviamente ninguém poderia imaginar aquilo que iria acontecer em breve. Aliás, a decisão de não tardar de fazerem-se retratar foi uma sorte para nós, descendentes, que podemos conhecer no rosto de nossa matriarca. De fato, essa mãe tão cara e amada, estava destinada a acabar logo a sua boa obra para o bem dos seus filhos, porque depressa o destino se desencadearia contra ela.

Pouquíssimo tempo depois de ter podido abraçar o seu filho Vittorio, apenas chegado do Brasil, no dia **10 de abril de 1912**, a mãe Elisabetta, numa rotina comum familiar em um dia como tantos outros, saiu de casa levando uma cesta cheia de roupas para lavar, e se dirigiu para o canto nordeste da fazenda onde corria um riacho. Aquele era o lugar onde se dirigia sempre para lavar a roupa. Infelizmente o destino decidiu que Elisabetta, naquele dia, não voltaria mais para casa, e não veria mais os seus familiares.

Passado um pouco de tempo depois de ter saído de casa, a filha menor, Antônia, não vendo-a voltar para casa, foi à sua procura. Apenas chegada ao riacho, coube à jovem de treze anos a desventura de encontrar-se sozinha em uma cena, dentre as mais horríveis que podem acontecer. Antônia viu o corpo da mãe, sem vida, voltado com a barriga para baixo, flutuando no regato, arrastado em círculos pela leve

correnteza.

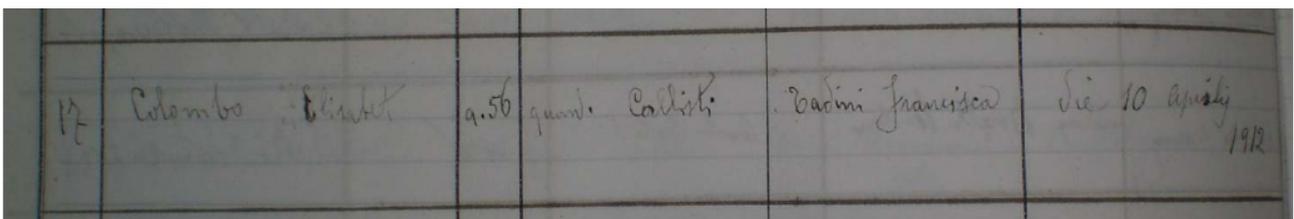


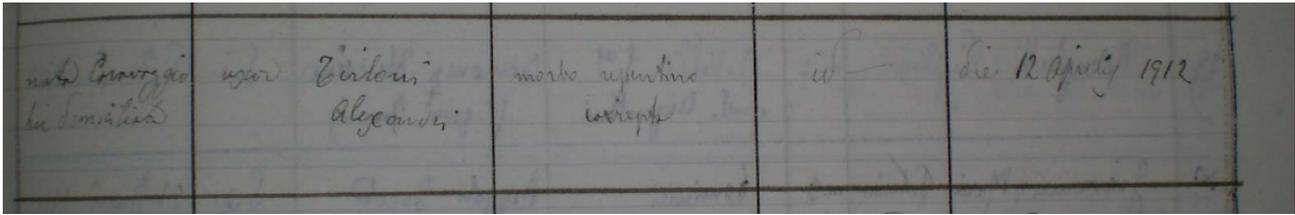
Cascina Battagliona: vista della zona dove un tempo c'era la roggia in cui è annegata Elisabetta Colombi (fotografie – anno 2002 e anno 1997)

Provavelmente Elisabetta foi atingida por um mal fatal, enquanto estava inclinada sobre o regato lavando a roupa, e o mal deve ter sido de tal modo fulminante que a pobre mulher caiu na água, já morta. Pode-se também supor que tenha acidentalmente deslizado para dentro do riacho, e os vestidos pesados que usava naquele tempo, impregnados de água, tenham se transformado em uma armadilha mortal, das mais cruéis.

Consultada a ata de morte encontrada nos arquivos da paróquia de Covo, sabe-se que Elisabetta concluiu o seu cansativo caminho terreno aos 56 anos completos, dos quais 34 passados ao lado de um homem que, com certeza, lhe deu menos afeto e atenções do quanto ela merecia. O caso foi registrado como “morte por causas naturais”. No registro paroquial se lê: “morbo repentino corrupta”, ou seja “atingida por doença repentina”.

Pessoalmente me permito dizer que a hipótese verdadeira é aquela oficial, e que à pobre Elisabetta, depois de uma vida de sacrifícios, fadigas, renúncias e humilhações, não teria sido atingida pela triste sorte de acabar a sua histórias humana, morrendo no atroz espanto provocado por um afogamento. Prefiro pensar que, em um instante, sem quase perceber aquilo que estava acontecendo, por um ataque fatal, tenha recebido o prêmio destinado aos justos, e tenha merecido o eterno repouso.





Página do registro da igreja de Covo com marcada a falecida de Elisabetta Colombi (foto ano 2009)

Uma curiosidade digna de nota que emerge observando a ata de morte é o fato de que pareceria que a mãe de Elisabetta estivesse ainda viva no momento desta morte. De fato o seu nome: Francesca Tadini (antes do que Tardini ou Tardina, como as vezes aparece em outros documentos) não é precedido pela sigla “quond” que, naqueles tempos, se usava para indicar nos registros oficiais uma pessoa já defunta.

Não é sabido se se trata de um simples esquecimento, ou se, de fato, a mãe de Elisabetta ainda estivesse viva. Aliás, não sabemos, nem sequer, onde eventualmente ela poderia estar. Talvez teria ficado no Brasil, ou teria voltado para a Itália junto com a família Tirloni, o genro e os netos. Dando por correta a idade assinalada nos documentos de emigração, encontrados no Brasil, a mulher teria 78 anos, que para aquela época era uma idade considerada bastante alta, mas não impossível de alcançar.

O funeral de Elisabetta foi celebrado dois dias depois da morte e o corpo foi sepultado no cemitério de Covo. Logo em seguida deste luto, Alessandro fez imediatamente edificar a tumba de família que, aliás, chegou até os dias atuais. Por muito tempo, até que não morressem os filhos, as lápides sobre este túmulo traziam, como era costume naquele tempo, os poéticos epitáfios de Elisabetta e de Alessandro.

Perdida a presença da mãe, o posto de “regência” (de matriarca) foi assumido pela filha mais velha que ainda estava em casa: a “terrível” tia Vittoria. Terrível porque ela, de acordo com o pai, assumiu a política de absoluta parcimônia tão praticada por ele.

A família se achou, em pouco tempo, sem duas mulheres, porque Ângela já estava casada há um ano e estava para ter - ou talvez já tivesse tido - uma menina que se chamou Narcisa, em recordação da tia que vivia no Brasil. Portanto, a situação na família não estava sendo fácil e Alessandro começou a induzir o filho Emanuele, o único que tinha uma namorada, a casar-se logo, a fim de que entrasse na casa uma mulher a mais, que pudesse ajudar nos trabalhos domésticos dessa grande família.

Eis, pois, que no dia 16 de novembro de 1912, Emanuele desposou a conterrânea três anos mais jovem, Rosa Morosina. O casal se estabeleceu obviamente na fazenda Battagliona, e Rosa se achou no dever de cuidar dessa grande família, sob a guia do áspero sogro e sob o olhar vigilante da cunhada Vittoria. Depois de menos de um ano, no dia 6 de outubro de 1913, nasceu um menino para este casal, o

primeiro neto homem de Alessandro, nascido na Itália, e a este foi dado o nome de Ângelo Batista Tirloni, em memória do falecido tio, que veio a faltar 4 anos antes, durante a travessia do oceano, na viagem para a Itália. Por um erro cometido pela parteira ao registrar o menino, os nomes ficaram invertidos, mas isto não obstou que ele fosse chamado por toda a sua vida, em casa e em público, “El zio Angel”, o tio Ângelo.

Um mês depois do nascimento deste menino, no dia 29 de novembro de 1913, Vittorio se casou com Lucia Cucchi, uma conterrânea sete anos mais jovem do que ele, e também esses foram morar na fazenda Battagliona.

Luzia era uma mulher alegre, de sorriso fácil, e se uniu logo à cunhada Rosa, que era uma mulher delicada e disponível. Iniciou-se assim uma amizade entre as duas cunhadas, que aliás seriam sempre grandes amigas, e juntas tentariam sustentar-se para poderem conviver com o embaraçoso sogro Alessandro.

Como já foi dito, durante todos esses anos de vida italiana, os relacionamentos entre os dois ramos da família (aquela da Itália e a do Brasil) foram mantidos por uma constante correspondência. Seria desejável que as cartas fossem sempre portadoras de novidades de ambas as partes, que anunciassem os matrimônios e os novos nascimentos dos vários netos.

Alessandro era quase analfabeto ou, no máximo, seria apenas capaz de ler, mas não de escrever. É, portanto, pouco provável que suas cartas fossem escritas por ele mesmo. Com certeza foram ditadas por ele a algum filho, filha e nora.

Inevitavelmente todos os componentes da família receberam uma influência do linguajar de gírias usadas no Brasil. Para exemplificar, sabe-se que Alessandro por toda a sua vida utilizou o termo “safado” para indicar uma pessoa da qual não se pode confiar, um embrulhão, ou até mesmo um delinquente. Este era um termo que não proveio absolutamente da tradição bergamasca, mas ao contrário, tinha uma derivação tipicamente das colônias portuguesas da América Latina.

Sobre este detalhe, seja dito que na casa Tirloni havia uma grande disparidade entre os níveis de escolarização dos irmãos. Sabemos que Joana e Rosa sabiam ler, mas não sabemos se elas sabiam escrever. Sabemos que Vittorio estudou num colégio, que Ângela e Francesca sabiam escrever de maneira decente, e sabemos também que Emanuelle nunca frequentou uma escola, mas estava apto a ler, e sabia fazer apenas a sua assinatura. Não sabemos qual a sorte que coube aos outros irmãos, mas se pode presumir que todos soubessem pelo menos ler.

Uma ajuda para a alfabetização foi dada à família por uma personagem que, definir como “particular”, “caprichosa” ou até “excêntrica” seria ainda reduutivo. Trata-se da anciã senhorita Luiza Valaguzzi (1863 – 1947), melhor conhecida como “la Bìgia Valagusa” (= a parda de Valagusa), ou então como a “Bìgia de Cof”(= a

parda de Covo), que entrou desde logo a fazer parte de nossa família. Sobre esta personagem convém abrir um parênteses.

Ela era uma ex-obstetra a quem, por motivos envoltos em mistério, provavelmente dos albores do Fascismo ou até mesmo antes, tinha sido cassada a sua liberdade de exercer profissão. Era uma mulher dotada de indubitável cultura, e foi ela quem ensinou a alguns rapazes da família Tirloni a ler e escrever. Seu pai era uma pessoa “incômoda” e, por isso mesmo, ela também havia sido colocada na berlinda.

A Bígia (a parda, a escurinha) era famosa sobretudo como uma poderosa “curandeira” (dita em linguagem bergamasca “La settimana” ou “la segnuna”(= a benzedeira). A sua habilidade e os seus conhecimentos dos remédios naturais eram indiscutíveis, mas o seu aspecto exterior voluntariamente desarrumado ao extremo, fazia dela uma pessoa que podia muito bem ser aproximada das “bruxas” dos contos de fada.

Vestida com mais saias, uma por cima da outra, tinha sempre os cabelos envoltos em variados e bizarros gorros. Contava-se que nunca tomava banho e que também a casa onde vivia – atualmente reduzida a poucas ruínas, chamadas de Fazenda Itália – bem espelhava, quer na desarrumação, quer no descuido das coisas, que tipo de dona de casa ela era.

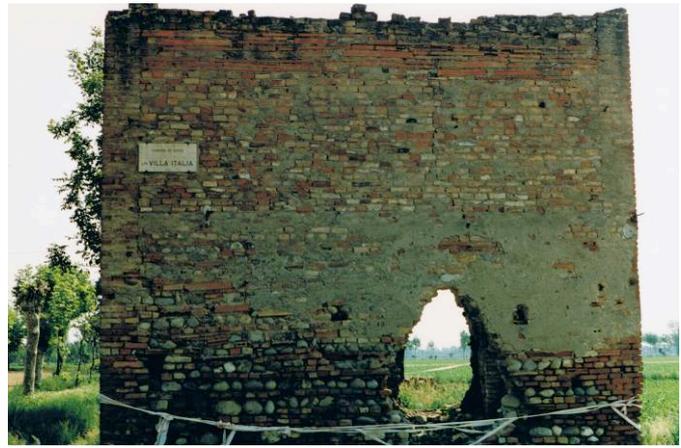
Como toda curandeira, também a Bígia estava cercada por um elo de mistério e de sobrenatural que alimentava ainda mais a sua fama de “bruxa”, e naquele tempo as pessoas, sobretudo por causa da pouca instrução, eram muito propensas a crer nestas magias e sortilégios, também porque existiam mais curandeiros do que médicos.

Provavelmente ela era mais temida do que respeitada, mas era uma pessoa muito boa e procurava só ajudar – a seu modo – às pessoas em dificuldade. Jamais negava os seus serviços a quantos pedissem socorro. Ainda agora, os velhos de Covo contam de uma família que, por medo dela, a haviam expulsado de forma agressiva, e ela teria lançado sobre aquela família uma maldição, dizendo: “Agora vós me expulsais, mas virá o dia em que vós me procurareis” A profecia aconteceu, e quando naquela família ocorreu um grave caso de doença, logo mandaram chamar a Bígia que imediatamente se dirigiu para aquela casa para socorrer a pessoa doente.

Com mais de oitenta anos a Bígia começou a ceder sob o peso dos seus anos e de sua falta de cuidados. Foi levada para o hospital - contra a sua vontade - e ali, a primeira coisa que os enfermeiros fizeram foi lavá-la, depois de decênios. A coisa não foi nada fácil porque se conta que a sua combinação estava já completamente grudada à pele, e não se conseguia tirá-la do seu corpo. A Bígia não queria que a lavassem e continuava a dizer: “Se me lavais, far-me-eis morrer”!

Também desta vez a sua profecia foi verdadeira e na manhã seguinte a Bígia foi encontrada sem vida no seu leito de hospital. Depois do funeral religioso foi sepultada no cemitério de Covo, e até os nossos dias sobre a sua sepultura não faltam

nunca flores frescas... Mas ninguém jamais viu quem as coloca!



Lápide de Luigia Valaguzzi e restos da sua casa (fotos ano 1997)

Muitos são os relatos que em nossa casa têm a Bígia como protagonista. Os nossos familiares eram afeiçoados àquela bizarra e intrigante velhinha, e ela retribuía aos os nossos familiares com sincero afeto e úteis conselhos e sortilégios, aptos para aliviar quanto mais penas possíveis houvesse, quer nas pessoas quer nos animais da estrebaria, mas também ajudando em coisas diferentes como, por exemplo, na alfabetização.

A carta mais antiga escrita pelos filhos de Alessandro, chegada até os nossos dias, é datada de 1914. Por esta carta descobrimos que a correspondência não era sempre portadora de belas e serenas notícias, mas ao contrário, em todas as cartas encontradas se percebe que elas eram um instrumento de desabafo para os filhos oprimidos pelo despótico jugo do velho Alessandro. Esta primeira carta foi escrita por Ângela e pelo marido Agostino Nava à irmã Rosa, residente em Nova Trento, no Brasil. Não está completa, foi rasgada, mas é deveras interessante porque de sua leitura se veio a saber notícias muito importantes, no que se referia à vida familiar. Soube-se que:

- Alessandro tornou-se sempre mais tacanho, e até piorou em seu já duro caráter, de tal modo que os filhos do Brasil tinham dificuldades de reconhecê-lo.
- Ângela ainda não tinha recebido a sua cota do dote que o pai lhe tinha concedido, por intercessão da mãe.
- Eliseu, no início do novo ano seguinte, partiria para o serviço militar, não obstante os esforços feitos pelo pai para mantê-lo em casa.
 - Francesca queria casar-se, mas o pai não consentia o casamento, porque pretendia que ela permanecesse em casa para ajudar a família.

Sobretudo a parte da carta escrita por Agostino Nava nos ajuda a enquadrar também a situação econômica e social na qual se encontrava a Itália naquele período. Fazia poucos meses que se iniciara a Primeira Guerra Mundial. Por enquanto a Itália não havia tomado partido, mas já estava em estado de atenção, e todos os homens

hábeis para as armas foram convocados. Portanto havia menos gente disponível para ao trabalho, havia uma grande crise econômica (chamada de carestia) também devido ao fechamento do tráfego internacional. E a pagar a conta, como sempre, eram os pobres, enquanto ao invés, os ricos agricultores (como Alessandro) chegavam a obter grandes lucros pelo inevitável aumento dos preços dos produtos agrícolas.

Alessandro provavelmente percebeu as consequências futuras dessa situação econômica e política e se, por um lado, se empenhou para que o filho Eliseu não viesse a ser chamado para a guerra, pelo outro lado se fechou ainda mais em sua trincheira de medo de perder dinheiro.

Pode ser, também, que o seu empenho de evitar que Eliseu fosse para a guerra tivesse sido sobretudo devido ao fato de não querer perder a sua força de trabalho na fazenda, e não tanto de medo pela sorte do filho...

Nessa carta Agostino escreveu uma passagem que, em vista da situação que se vivia na Itália, lhe agradaria muito se pudesse ir para o Brasil, mas infelizmente não podia porque também ele havia sido chamado para as armas. Ele ajudou a compreender muito bem como a lembrança do Brasil, como sendo uma terra afortunada, tinha contagiado também os novos membros chegados à família.

Sempre nesta carta, Agostino nos remete pela primeira vez ao conhecimento de um detalhe familiar muito importante porque, enquanto descreve a precária situação econômica que se vivia na Itália, escreveu à cunhada: “Faço-vos saber, também, do tio de Caravaggio, que passa dias pouco bons”... Este breve aceno faz imediatamente intuir que a família do Brasil conservava relacionamentos com os velhos parentes italianos. Não sabemos quem seja este tio, não sabemos se seria um familiar de Alessandro ou de Elisabetta mas, como se suspeitava, temos a prova que Alessandro e Elisabetta mantiveram os contatos com ao menos alguns membros de sua família.

Os relatos transmitidos pela nora Giuseppina Martinelli deram ulterior confirmação de que algum relacionamento com os velhos parentes foi feito de fato, pois Alessandro, ao menos uma vez ao ano, se fazia levar ao longo da estrada baixa que ligava Bariano a Caravaggio (denominada “estrada dei fossi” ou “estrada delle morle”) e dali prosseguia até junto de uma fazenda. Não se sabe que fazenda seria e quem ali habitasse precisamente, mas se sabe que se tratava de parentes do velho Alessandro, talvez seus irmãos, ou mais provavelmente irmãos da mulher (originária aliás de Caravaggio). Esta é uma ulterior prova da existência deste “tio de Caravaggio”, do qual se escreveu.

Apesar de todos os esforços feitos por Alessandro, Eliseu partiu como soldado e, inexplicavelmente, Alessandro deu o seu consentimento ao matrimônio da filha Francesca. No dia 01 de fevereiro de 1915 se casou com o conterrâneo Agostino Pesenti, de quem até hoje não sabemos quantos anos deveria ter, pois não foi encontrado documento inerente à sua vida.

Ao final da Grande Guerra, também Emanuele foi convocado, mas foi julgado inábil por causa de “dentes gastos” e, portanto, pôde permanecer em casa para trabalhar. Não sabemos o que sucedeu a Vittorio, mas também ele evitou a partida para a frente de guerra. Pode-se suspeitar que ao menos neste caso Alessandro tenha chegado a fazer valer o poder do seu dinheiro para corromper os oficiais e reter os dois filhos em casa. Esta foi uma solução destinada a durar pouco, porque por causa dos resultados adversos da longa guerra, de pressa se compreendeu que as coisas estavam destinadas a mudar radicalmente.

O êxito desastroso da batalha de Caporetto do dia 24 de outubro de 1917 impeliu o exército a recrutar uma massiva turma de homens, e dois cartões postais de ordem chegaram à fazenda Batagliona. Emanuele e Vittorio foram novamente visitados por militares, julgados capazes, e também a eles coube partirem para a frente de guerra. A casa ficou totalmente privada de homens e Alessandro caiu no desespero mais profundo. Tentou por todos os meios de impedir a partida dos seus filhos, mas precisou render-se à evidência dos fatos, e foi obrigado a tomar decisões que mudam radicalmente a impostação familiar.

Na segunda carta encontrada no Brasil, escrita sempre por Ângela à irmã Rosa, no dia 4 de novembro de 1917, encontram-se todas essas notícias e se descobre que:

- Agostino estava entre os primeiros a partir para a frente de guerra e fazia muito tempo que não se tinha notícias suas, não se sabia nem sequer se estava vivo...

- Emanuele e Vittorio partiram para a frente de guerra no dia seguinte à data desta carta, não obstante todos os esforços de Alessandro

- Alessandro, encontrando-se sem mais os filhos que trabalhavam, decidiu alugar a terra da fazenda aos vizinhos Colzani, e se transferiu com toda a família para uma pequenina fazenda situada no centro da vila, mesmo às costas da igreja, e chamou para junto de si as duas filhas casadas, Ângela e Francesca porque os seus maridos estavam todos na frente de guerra.

- Eliseu estava na Albânia mas, em suma, a sua situação foi descrita como a mais tranquila.

Nesta carta se vê pela primeira e, talvez, pela única vez, o aspecto humano de Alessandro. Pode-se perceber o seu espanto diante da importância desta situação muito maior do que ele. Experimentou comprar com seu dinheiro a liberdade dos filhos do jugo da guerra, mas não venceu, e agora foi atingido também nos seus interesses monetários, enquanto se encontrou obrigado a alugar os seus terrenos, a sua casa e, único homem que permaneceu na família, precisava cuidar de quatro filhas, duas noras e quatro netos.

Nesta carta se percebia, também, que o relacionamento entre Alessandro e o filho Vittorio não era por nada bom, e os dois já não se falavam a seis meses, e deixava a impressão de que a irmã Ângela havia tomado a defesa do pai, antes da do

irmão... Provavelmente Ângela neste momento, colhendo as dificuldades e a fraqueza do pai Alessandro, envolvido pela gravidade desse momento, por sua vez se sente no dever de correr em ajuda ao pai, e abandonou a antipatia que não faltava nunca de deixar transparecer nas suas cartas, nos seus difíceis relacionamentos com o genitor.

Dos relatos ouvidos no Brasil, sabemos que Emanuele foi ferido em uma perna, mas chega a sobreviver e não teve lesões permanentes. Ao passo que Agostino Nava, depois de anos de trincheira, ficou muito doente e precisou tratar-se por muitos anos. Não sabemos qual a sorte que tiveram os outros homens da família.

Afortunadamente a grande guerra acabou e a família Tirloni não se viu constrangida a pagar o preço de vidas humanas. Todos os homens retornaram para casa, e a preço de muita fadiga a vida pôde recomeçar.

Não é claro o que aconteceu no começo, após a guerra. Infelizmente é difícil de se chegar a fazer concordar os relatos dos nossos avós, com as provas escritas, mas a versão mais acreditada é que a fazenda foi retomada para a gestão da família, e nos anos seguintes, cedida novamente em aluguel.

As filhas casadas voltaram a viver em suas casas juntamente com seus maridos, e na Batagliana se encontravam para viver: Vittorio com sua mulher e dois filhos, Emanuele com a mulher e dois filhos, e os três filhos mais jovens ainda não casados, Vittoria, Eliseu e Antônia.

Deste período imediatamente depois do fim da grande guerra, há uma carta escrita por Eliseu, a sua mais antiga carta encontrada no Brasil. Tem a data do dia 16 de dezembro de 1919 e as notícias nela contidas são um autêntico tesouro:

- Eliseu voltou para casa somente no dia 30 de outubro, (isto é, quase um ano depois do fim da guerra,) depois de quase cinco anos de sofrimentos e perigosa vida militar.

- Também Vittorio e Emanuele voltaram da frente de guerra, e estavam todos bem.

- Alessandro decidiu comprar um pouco de terra a mais para fazer frente às necessidades da família que estava aumentando em número.

- Poucos dias antes. a família havia recebido notícias de um tio residente em Porto Alegre que comunicava o desaparecimento de outros dois tios: Batista e Fermo.

Analisando as notícias trazidas nesta preciosa carta, aparece em toda sua evidencia, antes de tudo, a brutalidade que Eliseu (e todos os soldados!) precisou aprender para sobreviver. Com certeza muitas vezes até a esperança de rever a própria casa e os próprios familiares ficou menor, e Eliseu deve ter-se desencorajado de viver, diante das imagens de cruas violências que a guerra apresentava.

A notícia ligada à terra é muito útil porque nos leva ao conhecimento do fato de que provavelmente Alessandro, no passado, não havia comprado mais

propriedades em terrenos, mas simplesmente havia tomado em aluguel as terras de outros. Este fato é relatado pela frase: “(A terra) que tínhamos antes por sete anos, não podemos mais tê-la)

Uma notícia que de verdade atingiu e pôs em movimento toda uma série de conjeturas é aquela ligada aos tios, enquanto alimenta uma forte suspeita que se enraíza sempre mais. Não temos ideia de quem seja esse tio de Porto Alegre, e não temos certeza nem sequer sobre a identidade dos outros tios defuntos. Provavelmente se tratava de parentes da mãe Elisabetta. Talvez o “tio Pedro de Porto Alegre” seria um dos dois irmãos de Elisabetta, e um dos tios defuntos seria o marido da irmã de Elisabetta. Mas quem seria o último tio de quem se faz menção? Os nomes não nos ajudam por nada porque nenhum dos irmãos de Elisabetta corresponde a estes nomes, e é mesmo por isso que toma pé sempre mais uma estranha hipótese: poderia ser uma pura coincidência, mas os nomes Battista e Fermo são os nomes de dois dos irmãos maiores de Alessandro.

O primeiro, assinalado no Registro Anagráfico de Bariano com o nome completo “Giovanni Battista (abreviado em “GioBatta”) é aquele solteiro, a quem é creditada a nota “América”. Fermo é aquele assinalado como sendo casado e com duas crianças. Obviamente não se quer chegar a conclusões arriscadas, também porque o nome “Batista” – como todos os nomes de origem bíblica – eram muito comuns, mas permanece o fato de que o nome “Fermo”, ainda que usado na idade média, não era absolutamente de uso comum, e era muito raro também nos anos oitocentos. Na nossa família este nome foi dado a um irmão de Alessandro, enquanto era o nome do avô, o nosso avô mais antigo de quem se tenha notícia até agora. Uma ulterior confirmação a essa tese nos chega mesmo do Brasil, do velho tio João Tirloni (o neto mais velho e ainda vivo do patriarca) o qual recorda que sua mãe, a tia Narcisa Geselle, falava de ao menos um irmão de Alessandro residente no estado do Rio Grande do Sul, do qual não se tinha mais notícias há muito tempo.

Esta descoberta revoluciona todas as teorias e suposições feitas até agora, mas ainda não está claro como aconteceram cronologicamente os eventos. Há várias possibilidades. Primeira: Alessandro teria partido para o Brasil, não sozinho, mas com dois irmãos; segunda: Alessandro esteve unido aos irmãos em um segundo tempo; terceira: foi Alessandro que foi se unir aos irmãos emigrados antes dele. Seja como for, se as coisas andaram exatamente assim, isto significa que outros parentes Tirloni, de nós desconhecidos, estão agora residindo no sul do Brasil.

Na casa Tirloni todos os membros da família são observados pela figura do velho Alessandro, cujo caráter piora e se endurece sempre mais, com o passar dos anos. Como foi dito, a coisa que mais o caracterizou foi a sua sovinice que chegava ao inverossímil, unida à grande operosidade e a uma fibra fortíssima. Era um trabalhador infatigável até à idade avançada. Nunca ficava doente, acordava-se todas as manhãs às 4 horas da manhã e ia bater na porta dos quartos de dormir dos seus filhos, insistindo que se levantassem logo. Comandava a todos com punho de ferro e

tinha o pleno controle da economia familiar. Diante de seus olhos passavam os livros contábeis, os quais controlava meticulosamente.

Naqueles tempos não se pagava a cada compra feita. O comerciante marcava nos cadernos as contas de cada família, e a dívida chegava em dias estabelecidos. Era então que Alessandro, enquanto todos dormiam, iniciava a sua revisão das contas, e se não se enquadravam naquilo que ele pensava, começavam os problemas, porque isto significava que tinha sido comprado alguma coisa sem o seu conhecimento. Meu avô Peppino recordava uma cena do velho nono Alessandro que procurava compreender o porquê de uma conta, a seu dizer, particularmente exagerada, e pensando em voz alta dizia: “Por que 3,80 liras? As mulheres teriam comprado o sabão?...”

Ora, o sabão era um daqueles bens de luxo que não se podia permitir todos os dias. Era exatamente como o açúcar que era comprado somente em caso de doenças.

Chegado na Itália com dois sacos cheios de moedas de ouro, Alessandro fazia viver a família quase na miséria. Era seu costume comprar as frutas que estavam já apodrecendo (em dialeto se dizia: “col pulesi bagnat”= com o pinto molhado) pois assim podia pagá-las menos.

Alessandro recorria muitas vezes à nora Rosa, que era alfabetizada, para fazê-la escrever suas cartas para os filhos que estavam no Brasil. Não abandonou nunca a esperança de que um dia viessem para a Itália. Para convencê-los, em várias cartas sugeriu à nora que escrevesse que na Itália “*havia sempre a primavera*”. Não perdia, porém, a ocasião de denegrir essa nora, a Rosa, diante de todos, todas as vezes que se apresentava alguma ocasião. Rosa, passados alguns anos, se tornou uma senhora robusta, e infelizmente começou a sofrer de cardiopatia, para a qual, naquele tempo, não havia tratamento adequado. “*Ogne tant el dutur ghe daa de bif argot, ma prope quant la staa mal*. Traduzindo: “De vez em quando o médico lhe dava algum remédio para tomar, mas somente quando ela ficava mal”, recordava a tia Luzia, por todos chamada “tia Cia”. Muitas vezes faltava-lhe o ar e as forças, e tinha necessidade de alimentar-se mais e melhor do que aquilo que a mesa da casa Triloni lhe oferecia todos os dias. Mas o velho Alessandro implicava até nisso. Numa dessas ocasiões, a família se achava reunida à mesa, e Emanuele renunciou à sua porção de alimentos para dá-los à mulher que já tinha terminado de comer a parte que lhe cabia. A cena foi notada por Alessandro que, subitamente, interveio em voz alta dizendo: “*Ecco, te ta mangiareset anche le gambe del taol*” Traduzindo: “Eia! Tu comerias até as pernas da mesa”.

Como em toda a realidade daquele tempo, também na casa Tirloni, na qual certamente o dinheiro não faltava, a procura do alimento era um problema que mais afligia a todos, e por isso Alessandro impôs a todos que fossem parcios a todo custo, a fim de evitar as despesas. Além disso, era quase impossível escapar à vigilância da jovem Vittoria, que desde a morte da mãe, tinha assumido o cargo de “regência”, ou

seja, de “matriarca”. Vittoria era a única, no seu gênero, dentre os irmãos. Seguia à letra os desejos de seu pai, e nada escapava de seu controle. Sobre o expresso querer do pai, chegava até a contar, todas as manhãs, os frutos nas plantas de pêssegos, para se inteirar de que ninguém os tivesse roubado de noite.

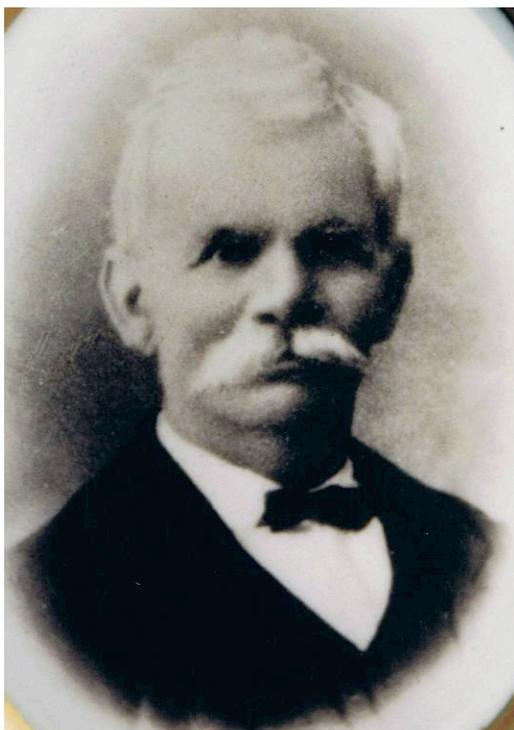
Um dia, as duas cunhadas, Rosa e Luzia, movidas pela fome, decidiram realizar um “furto” nos bens da família. Perceberam que uma árvore de pêssegos, naquele ano, havia produzido muitos frutos, tantos que a própria Vittoria tinha dificuldades de manter a contagem. Elas então decidiram recolher alguns pêssegos crescidos em pontos difíceis de serem vistos, na planta. Os pêssegos eram ainda verdes e por isso a tia Luzia decidiu escondê-los debaixo da cama, a fim de que ficassem maduros. Os pêssegos eram deveras lindos e chegaram depressa a amadurecer, enchendo de seu característico perfume todo o quarto. A coisa provocou não poucos problemas porque as “ladras” foram inevitavelmente desmascaradas pelo próprio velho Alessandro, o qual foi literalmente à cólera, seja com as duas noras, seja com a filha Vittoria, por não ter percebido o furto.

Também o meu avô Peppino se envolveu em alguns “ais” por causa dos alimentos. Ele tinha cerca de dois anos quando, induzido pela fome, pediu à sua mãe que lhe desse um pedaço de queijo. A mãe, escondida de todos, o levou para a cozinha e lhe deu uma pequena fatia, recomendando-lhe de ficar com muita atenção para não ser visto por ninguém, sobretudo pela tia Vittoria. O pequeno Peppino escondeu entre as mãos o pedaço de queijo e saiu da cozinha com as mãos por detrás das costas. Infelizmente, ao sair da cozinha esbarrou na tia Vittoria que, vendo-o com as mãos às costas, se insurgiu e lhe disse: “Deixa-me ver o que é que você esconde nas mãos!” Meu avô lhe respondeu: “*No, perché me mama ma dit de fatel mia vet.*” “Não, porque a mamãe me disse de não te fazê-lo ver!”

Alessandro dava às noras ordens precisas para evitar que a família crescesse com as mãos livres, tornando inútil toda a fadiga feita por ele para tornar-se rico, e era por isso que a nora Rosa se encontrava no dever de inculcar a ideia de poupança e da parcimônia aos seus filhos ainda crianças.

Meu avô Peppino contava que, aos quatro anos, sua mãe já lhe havia ensinado o conceito de interesse, tudo por vontade do velho Alessandro.

Entre os habitantes de Covo, a única pessoa que podia fazer concorrência, do ponto de vista econômico a Alessandro, era um outro proprietário de terras: o velho senhor Cesar Bosetti (29-6-1844 – 3-11-1920). Este sempre foi famoso em Covo como benfeitor e filantropo. À sua mesa, além de sua numerosíssima família composta de treze filhos e tantas outras noras e genros, e mais um número incrível de netos, havia sempre alguma pessoa indigente que, batendo à sua porta, encontrava ali pessoas boas e dispostas a acolher qualquer um que estivesse em dificuldades. A filosofia do Senhor Bosetti e de sua mulher Ângela Martinelli (1850 – 1936) estava resumida em um simples conceito: “Um prato quente há sempre para todos”!



Cesare Bosetti e Angela Martinelli

Inicialmente os dois se tornaram amigos, mesmo que, pelo caráter, fossem realmente antípodas. Diferente de Alessandro, o velho senhor Bosetti não era nada avarento, e não deixava de, algumas vezes, permitir-se algum pequeno luxo para tornar a vida mais doce, e por isso, nos domingos à tarde, gostava de dirigir-se ao bar, com os amigos, para conceder-se algumas horas de distração e alegria, animado por uma partida de cartas e em companhia de um bom copo de vinho.

Alessandro foi convidado muitas vezes para esses encontros de convivência entre senhores bem de vida, mas evidentemente não podia sempre ser “o convidado”, e por isso, às vezes, seria também a sua vez de pagar a conta. Por causa dessa despesa, tornou-se inevitável que, bem depressa, Alessandro se lamentasse deste amigo, a quem passou a considerar como um irresponsável esbanjador, e a sua frequência junto dos amigos diminuiu sempre mais. Meu avô Peppino, contando este fato, repetia as palavras exatas de Alessandro que na sua crítica, dizia: “*Me ghe sto pò con Busett, lù l’va al bar e l’bif le butiglie*. Traduzindo: “Eu não vou mais com o Bosetti, ele vai ao bar e bebe as garrafas”.

Para Alessandro, os “caçadores de dotes” (os que procuravam casar com moças ricas) devem ter sido, desde sempre, um grande pesadelo, e com certeza não deve ter feito nada para escondê-lo. Isto era de tal modo conhecido em Covo que, uma manhã, na porta de fora da casa da fazenda Batagliona foi encontrado, pendurado, um cartão difamatório com este escrito:

Al siùr Americà

*che l'ga le fiole de maridà
ghe metarom na sentinela
perchè nùsù ghe le porte vià*

*Ao rico Americano
Que tem as filhas para casar
Colocaremos uma sentinela
Para que ninguém as possa levar*

Os maiores indiciados deste bilhete eram os habitantes da vizinha fazenda Bolognina, e Alessandro, decididamente aborrecido, organizou uma resposta com a cumplicidade dos parentes Colzani. Pouco dias depois, em frente à casa da fazenda Bolognina apareceu um cartão de resposta, não menos poético, mas certamente um pouco mais indecente, cujo texto meu avô Peppino não recordava mais, ou mais provavelmente fingia de te-lo esquecido, salvo um pequeno pedaço no qual o nome de um habitante da Bolognina vinha colocado em rima com “...büs de drê ...”buraco de trás” (obviamente, entendendo-se uma parte fisiológica).

Enfim, também as duas últimas filhas se casaram, pois o velho Alessandro concedeu a sua aprovação às suas uniões. Antônia se casou no dia 9 de outubro de 1919 com Francesco Galliani, um jovem de Covo, 10 anos mais velho do que ela. Francesco era o pimpolho de uma rica família que fez fortuna com as empresas de construção. Francesco era grande amigo de Pietro Bosetti, que era um dos filhos de Cesar Bosetti. Pouco mais tarde Pietro tornou-se cunhado de Francesco porque desposou a sua irmã menor, e este mesmo lhe serviu de testemunha de casamento. Pode-se supor que a este casamento de Antônia e Francesco, estivesse presente toda a gente rica de Covo, e seguramente o velho Alessandro ficou contente de ter feito casar muito bem a sua filha.

Vittoria casou-se provavelmente no ano seguinte com um jovem pedreiro de Cálcio, vila confinante de Covo, um ano mais velho do que ela. Deste matrimônio ainda não foi encontrada a documentação.

Ambas as irmãs receberam um tratamento favorável do velho Alessandro, que concedeu a ambas um bom dote. Um gesto tão estranho, se considerarmos a avareza de Alessandro, é facilmente compreensível se pensarmos que Vittoria era, com certeza, a filha preferida, porque estava em perfeita sintonia com a política de absoluta parcimônia de Alessandro; enquanto que Antônia, por ser a filha caçula, pode ser que tenha se beneficiado de um “olho fechado” do velho e terrível pai.

2.9 *Os últimos anos*

Enquanto ocorreram todas essas coisas relatadas acima, na família se consuma uma autêntica tragédia que tem tudo de incrível, e revela de maneira inequívoca a dura e impiedosa crueldade do velho Alessandro.

Ainda antes de começar a grande guerra, a filha Francesca, casada havia só dois anos, começou a sofrer de uma misteriosa doença que nenhum médico chegou a diagnosticar e debelar. A jovem, ajudada pela família do marido, dirigiu-se a cada especialista conhecido, a fim de procurar a sua cura. Todas as tentativas, porém, foram vãs, e as suas condições de saúde pioravam sempre mais. Tinha necessidade constante de remédios, mas em determinado momento já não tinha mais dinheiro para comprá-los.

O marido Agostino Pesenti foi obrigado a emigrar para a França, a fim de ganhar o dinheiro necessário para a cura da jovem esposa, que neste meio tempo gerou duas crianças. A esta altura, Francesca começou a dirigir-se para o pai, pedindo-lhe uma ajuda econômica. Mesmo defronte de uma semelhante desgraça, o velho Alessandro coçou a cabeça e disse que agora, sendo casada, não cabia mais a

ele providenciar o pagamento da cura, mas ao seu marido.

O quadro clínico de Francesca piorava sempre mais. Depois de um Calvário que durou mais de três anos, espantada por sua sorte que parecia já inevitável, dilacerada pela preocupação com as crianças pequenas, tendo o marido distante, mas também psicologicamente destruída pela crueldade do pai que se recusava pagar os remédios, Francesca recolheu as últimas forças para escrever uma desesperada carta para a irmã Rosa, do Brasil.

Covo, 24-02-1920

Caríssima irmã e cunhado.

Com muita dor, preciso fazer-te conhecer as minhas tristíssimas condições de saúde.

Faz 36 meses que estou doente, a ponto de não poder servir-me a mim mesma, em nada.

Procurei todos os meios para tentar recuperar a minha saúde. Procurei em casa, e por dois meses, no hospital de Bérghamo. Aconselharam-me a recorrer a um especialista em Gênova, e estive lá por quatro meses no hospital, com as despesas de 11 liras por dia. Agora estou em casa, piorando de dia para dia.

Uma coisa que agrava a minha longa e sofrida doença, é o “nosso pai!”, com aquele egoísmo do dinheiro! Acredite-me [porque eu o digo] como num juramento meu, e em nome de meus dois queridos filhinhos: nosso pai não me ofereceria nem sequer um copo d’água, porque custaria cinco centésimos de lira.

Sabes o que acontece? Além daquilo [que Ângela já escreveu até agora] há o fato de que nosso pai já fez o testamento, e nós o sabemos como foi feito: para nós, filhas, ele concedeu 5.000 liras, enquanto que, em vez, aos filhos concedeu mais de 60.000 liras cada um. Vês qual é a proporção? E não se pode lhe dizer absolutamente nada. Ele continua com aquele mau caráter.

Termino com a esperança de que com a tua próxima [carta que escreverás para a Itália] quererás dizer algumas coisas ao nosso pai a meu respeito, porque agora estou precisando muito de socorro.

Ao ver o quanto meu marido e a família dele fizeram por mim, quanto e quanto dinheiro gastaram por mim, e o nosso pai que possui muito mais do que a família Pesenti, nunca colaborou nem sequer com uma pequena importância para me ajudar. Nunca, nunca, nunca!

Muitas vezes eu te escrevi, mas nunca obtive uma resposta diretamente para mim.

Saudações infinitas para ti e toda tua família. Saúda em meu nome também aos nossos irmãos, e informa-os a respeito das minhas tristíssimas condições de saúde.

Termino porque já não posso aguentar, ó minha cara irmã, pois estou desfalecida, e as forças físicas vão desaparecendo cada dia mais. Tenho uma perna morta, e devo me sustentar com as muletas e suportar o colete metálico, dia e noite.

Infinitas saudações.

Sou tua irmã amada,

Francisca

Esta carta não precisa de comentários! É o triste desabafo de uma jovem senhora desanimada pelas injustiças perpetradas pelo próprio pai, em nome do deus dinheiro. Uma vez pago o dote, a filha pertencia toda ao marido, como se fosse uma mercadoria, e ele – Alessandro - já não tinha mais obrigações de qualquer tipo, em relação a ela. Graças a esta carta endereçada à irmã Rosa, de Nova Trento, e conservada por ela, carta que chegou até os nossos dias, a figura do velho Alessandro foi desmascarada e legada ao juízo dos parentes futuros, em toda a sua real crueldade.

Não sabemos o que sucedeu logo após esta carta. Não sabemos como se comportaram os irmãos do Brasil. Não sabemos se o velho Alessandro se converteu de suas absurdas convicções. Mas já não havia mais tempo para fazer nada: dois meses depois, na manhã do dia 22 de abril, depois de ter recebido o conforto religioso, Francesca chegou à paz eterna, com apenas 26 anos.

Quem sabe se Alessandro foi atingido por algum sentimento de culpa...

Uma coisa que nos deixa estupefatos é o fato de que alguns dias antes da morte de Francesca, ter chegado outra carta ao Brasil, escrita por Eliseu no dia 30 de março. Ele iniciou a carta assegurando a todos os irmãos brasileiros que todos os componentes da família gozavam de perfeita saúde. Escreveu textualmente: “Ficamos todos muito contentes de saber que a vossa saúde está perfeitamente ótima, assim também posso assegurar-vos da parte de todos nós, na família.

Estas notas, de fato, eram usadas como pura formalidade no início da correspondência, mas causa espanto pensar que, enquanto Eliseu escrevia estas coisas, Francesca estava vivendo o seu último mês de vida. É provável que com essa declaração, Eliseu quisesse referir-se somente aos residentes na Battagliona, e portanto não incluía Francesca, que já não vivia na casa paterna.

A desesperada carta de Francesca nos oferece a oportunidade de descobrir uma coisa interessante, porque a revelação do testamento nos permite quantificar a riqueza do velho Alessandro, que em 1920 possuía uma fazenda e 275.000 liras. A fazenda era pequena, mas a liquidez que tinha à disposição era, de fato, naquele tempo, muito considerável!

Se nos dias de hoje nos causa uma má impressão a disparidade de tratamento entre os filhos homens e as filhas mulheres, é preciso dizer que, naqueles tempos, era tudo muito diferente, e era praxe deixar às filhas só uma cota chamada “a legítima”. Não sabemos se essa cota era um percentual fixo bem preciso, mas no caso em questão, as filhas receberam somente 8,5% da cota destinada aos filhos homens. A diferença entre as duas cifras é muito grande!

Ainda conforme a carta que Eliseu escreveu para o Brasil, no dia 30 de março de 1920, chegou-se a saber que, no Brasil, os nossos parentes se movimentavam para mandar os filhos para a escola, e Eliseu se alegrou com a escolha. Mas aproveitou para reprovar o pai Alessandro que, pelo contrário, nunca cuidou de dar cultura aos filhos, destinado-os a se tornarem “grandes e asnos”!

Nesta mesma carta, Eliseu fez uma comparação do quanto havia aumentado o custo de vida na Itália nos últimos períodos, e se percebia claramente a presença de uma fortíssima inflação causada pelo conflito bélico.

Nos primeiros meses do ano seguinte, a troca de cartas entre as duas partes da família se fez muito frequentes, e na distância de apenas quinze dias, foram expeditas para o Brasil três cartas que revelavam o que estava ocorrendo em Covo.

A primeira carta foi escrita por Ângela, a qual não deixou de acentuar o detalhe do caráter do pai, que havia se tornado ainda pior do que quando estava no Brasil. Descobrimos, com isto, que Alessandro sempre foi um homem duro e de caráter péssimo.

Por essa carta chegamos a saber que:

- Agostino Nava não estava ainda completamente restabelecido das doenças contraídas na trincheira de guerra.
- O velho Alessandro, já passados de 10 anos, ainda não havia pago totalmente o dote que Ângela cansativamente obteve por intercessão de sua mãe Elisebatta.
- Vittoria e Antônia, ao contrário, haviam recebido um muito bom dote, e sobretudo esta última tinha uma vida realmente folgada.
- Vittorio e sua família, não podendo mais suportar o velho Alessandro, saíram de casa e passavam por uma situação deveras difícil.

A segunda carta foi escrita por Agostino Nava que, além de tecer um belíssimo elogio a respeito da defunta sogra Elisabetta, reafirmou todas as coisas citadas pela mulher, aliás com maiores riquezas de detalhes, e acrescentou um outro detalhe importante, isto é, que o velho Alessandro havia cedido a casa da fazenda e a terra, em aluguel.

A terceira carta foi escrita por Vittorio que desabafou com a irmã, por causa da situação absurda na qual precisava viver, e não escondeu as grandes dificuldades nas quais precisava viver. No entanto, enfraqueceu o tom de crítica em seus confrontos com o velho pai, demonstrando com isso não ter perdido o seu respeito filial.

Da análise das cartas se deduz que Vittorio, em seguida aos contínuos conflitos com o pai, decidiu sair de casa, mas infelizmente estava se deparando com uma forte crise econômica e com falta de trabalho, e sendo filho de um homem muito rico, não estava sendo ajudado pela assistência social, pois era considerado pessoa de bens.

Alessandro, não se sabe por quais motivos, cedeu a casa da fazenda e a terra em aluguel, e por causa da própria crise econômica, agora o alugador passava a ganhar muito dinheiro com a venda dos produtos agrícolas, e Alessandro precisava contentar-se com a renda do aluguel. Obviamente isto indispunha muitíssimo todos os familiares, tanto que o genro Agostino Nava não teve escrúpulos de definir como “uma tolice” aquela escolha do sogro, e tornou presente que o velho Alessandro se encontrava cheio de imprecizações feitas por seus filhos, que com o aluguel da fazenda

se acham agora sem terra para trabalhar, e sem teto.

Parece de fato incrível que uma pessoa com tão grande faro para os negócios, tenha incorrido num semelhante erro... Parece quase impossível que se refira à mesma pessoa que, do nada, criou uma fortuna!

Esta descoberto nos ajuda, porém, a refletir sobre os comportamentos de Alessandro que, com efeito, desde que chegou à Itália, parece ter perdido toda a sua capacidade de empreendedor. Inicialmente comprou uma fazenda pequena, talvez para evitar de empenhar muito dinheiro em um mercado desconhecido, - escolha que parecia sensata e cautelosa, como já foi dito - mas coisa muito estranha, pois em um decênio não aumentou em nada as suas posses. O seu processo de emancipação parou, e todos os seus cuidados e o seu empenho fossilizaram-se em poupar a todo custo.

Se parecia sensata e cautelosa a escolha inicial, pareceu, ao invés, estranho todo o resto. Não se sabe o que causou todo esse arrefecimento de suas capacidades de empreendedor. Meu pai, comentando as sucessivas escolhas de Alessandro, criou como hipótese uma explicação, em suma, oportuna. Alessandro teria se achado velho em uma realidade de mercado completamente diferente daquela tão arcaica e embrionária, na qual se moveu habilmente por mais de 30 anos no Brasil. As regras da economia italiana eram muito diferentes e complexas para a sua forma mental, e era talvez muito velho para chegar a adaptar-se. Isto o fez “espantar-se”, e a resposta mais imediata que encontrou foi, de fato, aquela de evitar totalmente todo risco, a fim de preservar o seu patrimônio.

Por outra carta escrita por Eliseu, ao final de outubro de 1921, soube-se que a situação parecia ser sempre mais indigesta para todos, por causa do caráter do velho Alessandro que todos consideravam, a dizer pouco, como absurdo e despótico.

Como em todas as cartas, também nesta ele iniciou assegurando aos parentes do Brasil que era boa saúde de todos os membros da família. Mas logo Eliseu iniciou o seu desabafo, por nada diferente daquele dos irmãos, talvez ainda mais crítico e forte.

Em certa passagem de sua carta diz, textualmente, frases de pesadíssima crítica do tipo: *“Não posso suportar o papai... Não se pode andar de acordo com ele um minuto... nos faz ficar todos loucos”*. Depois dessas afirmações, como que se envergonhou do que escrevera, porque eram críticas feitas por um filho que deveria, por certo, manter o respeito e o obséquio nos confrontos com um genitor. Chegou mesmo a pedir desculpas para a irmã, a quem dirigia a carta, porque percebeu que os parentes do Brasil não podiam ficar tranquilos lendo todas essas críticas que chegavam de todas as partes. E assim escreveu *“Perdoar-me-eis, se vos tenho ofendido em qualquer coisa, ou se fiz mal ao dizer-vos tudo que vos disse”*.

Enfim, passado o momento de grande crise devido à Grande Guerra, nas cartas seguintes se leem, pela única vez, as notícias mostrando um velho Alessandro vacilante, frágil e impotente. Todas as cartas seguintes sempre começavam a parecer semelhantes, e cada uma se tornava uma mera crítica mais ou menos extrema, por

causa dos relacionamentos difíceis com o velho Alessandro. O quadro que disso transparecia não era por nada edificante para o velho patriarca, que era apresentado como um autêntico monstro de egoísmo e perfídia, capaz de qualquer malcriada ação.

Sempre nesta carta, Eliseu sublinhou o fato de que o velho pai, com seu comportamento extremo, chegou a desesperar o irmão Emanuele por causa de uma situação tão tensa e difícil vivida na família. Ainda pior para Emanuele, que tinha um caráter muito suave e paciente.

Eliseu, porém, ousou mais do que os seus irmãos. Ele era o mais jovem dos filhos homens e provavelmente era movido pelos furores e pelos extremismos de sua jovem idade. Enquanto todos os outros se limitavam a pedir aos irmãos do Brasil de interceder por eles, e de procurarem fazer raciocinar o velho pai, Eliseu chegou a pedir aos irmãos do Brasil que fizessem uma coleta e lhe enviassem o dinheiro necessário para vir para o Brasil, porque ele, na Itália, não queria mais permanecer!

Os relatos transmitidos pela família narravam que, com efeito, os irmãos do Brasil ficaram muito sensibilizados pelo pedido de Eliseu, recolheram o dinheiro e o expediram para a Itália, em ajuda ao irmão. Mas a esta altura ocorreu uma coisa muito desagradável: o velho Alessandro embargou a carta que continha o dinheiro para Eliseu, e o requereu sem dizer nada ao filho, o qual esperou em vão o dinheiro, por muito tempo. Eliseu só descobriu depois de muito tempo esta tomada de posição do velho Alessandro, o qual, enfim, mentindo, mandou dizer aos filhos do Brasil que Eliseu havia recebido o dinheiro e o mantivera para pagar os gastos do futuro casamento.

Que propósito teria impellido o velho Alessandro a fazer coisa semelhante? Ele não queria absolutamente que o filho Eliseu saísse de casa, e sobretudo ficou estupefato com a atitude dos filhos, no Brasil, de terem chegado a organizar uma coleta entre eles para ajudar Eliseu. Mais. Para evitar que no futuro se repetissem semelhantes coisas, Alessandro preferiu divulgar notícias falsas que desacreditassem esse filho aos olhos dos irmãos.

Na última carta que chegou até nós, datada de 14 de junho de 1922, a filha Ângela continuou a acentuar o fato de que Alessandro não se comportava nunca de maneira justa. As escolhas e os comportamentos extremos de Alessandro acabavam criando um endurecimento de opiniões também de todos os filhos, e inevitavelmente também o relacionamento entre os próprios irmãos se tornava muito tenso, e a arcar com as consequências eram sobretudo Ângela e Vittorio.

Alessandro, chegado aos 70 anos - idade para aqueles tempos considerada como admirável - vivia em casa com o filho Emanuele, a nora Rosa e os seus três filhos. Junto com eles vivia ainda o filho mais jovem, Eliseu, mas só por pouco tempo. Quando também ele se casou, entrou em casa a jovem mulher, Giuseppina (chamada de Pina), que junto com a família do cunhado Emanuele, tomaram, como encargo, a difícil gestão do velho e embaraçoso sogro.



Gli adulti della famiglia durante gli ultimi anni di vita del patriarca:
il patriarca Alessandro Tirloni
i coniugi Rosa Morosini ed Emanuele Tirloni; i coniugi Eliseo Tirloni e Giuseppina Martinelli

Uma nota digna de mérito no comportamento de Alessandro foi o fato de que, diferente de alguns velhos, amava contar – talvez até com uma ponta de orgulho – a sua história pessoal, e contava-a muitas vezes, desde quando partiu como emigrante, com todas as travessias que percorreu. Mesmo por isso, o meu avô Peppino recordava muito bem a figura do velho patriarca que vivia em casa com eles. Aliás, é grande o mérito daquela sua vontade de contar a sua história, porque assim, em nossos dias, ainda se pode fazer memória daqueles fatos.

Para Alessandro, meter a mão no bolso era um verdadeiro trauma. Meu avô recordava que só em ocasiões de festa na vila é que Alessandro colocava dois dedos no bolso do colete e retirava alguma moeda para dar aos netos, para que comprassem as castanhas cozidas. Este era o único presente que o velho Alessandro dava às crianças.

Uma outra recordação muito viva na memória de meu avô Peppino estava ligada ao momento da cobrança dos impostos. Na torre da Igreja de Covo havia um sino que era tocado precisamente nesta ocasião. Para Alessandro, toda vez que o sino tocava era como uma condenação. Ficava atacado por verdadeiras crises de ansiedade, e quando se refazia um pouco, iniciava a investir contra o Estado ladrão que o espoliava do suor de sua frente. Meu avô recordava as palavras textuais de seu típico desabafo nestas ocasiões: *“A Roma i solc i va sō a vagù e vagù; ah, ma se rie a metighe dent una ma... Traduzindo: Para Roma (para o Governo...) o dinheiro vai de vagão em vagão; ah, mas se eu chegar a colocar dentro a minha mão...”* (e fazia o

típico gesto da mão que surripia)

Ligado a este período há uma recordação citada pela nora Giuseppina que conheceu o sogro somente nos últimos anos de vida, mas pôde experimentar, em sua própria pele, a sua desmesurada avareza. Alessandro, como é do conhecimento, mantinha fechada a carteira a ponto de toda a família chegar a passar fome, porque também a comida era racionada. Em casa estavam as jovens mulheres grávidas ou no período de aleitamento. O estômago estava sempre vazio, e por isso as mulheres se uniram e criaram um plano para escapar aos seus controles.

Ocorreu que, à noite, na mesa, elas continuavam a colocar sempre mais vinho no copo do patriarca, ao ponto de embebedá-lo. Depois o levavam para a cama e elas, depois de fecharem a cozinha, começavam a amassar as “foiade” (o macarrão grosso) que depois imediatamente cozinhavam e comiam. Vistos os ótimos resultados da trama, decidiram repetir a coisa diversas vezes. O velho Alessandro percebeu que a quantidade de farinha continuava a diminuir mais velozmente do que de costume, mas felizmente ele nunca chegou a descobrir a aventura. Ao menos naquela ocasião as barrigas se encheram, sem problemas!

O seu comportamento extremo e o seu tremendo egoísmo o condenaram a passar os últimos anos de vida malvisto pela maior parte dos filhos que, como bem foi demonstrado pela carta de Vittorio, lhe prestavam sempre o dever do respeito filial, como aliás era praticamente obrigação naquele tempo, mas ficaram sem provar um autêntico afeto, tão belo e importante entre pai e filhos.

Como foi escrito até agora, se pode bem ver que nada lhe foi poupado na sua vida terrena, e no pleno calor do verão de 1924, Alessandro foi colhido por uma última tremenda notícia de sua vida. Chegou uma carta do Brasil, uma como tantas outras que estava habituado a receber, e talvez inicialmente suspeitasse que seria portadora das costumeiras admoestações que os filhos do outro lado do oceano, ouvindo as notícias incríveis que chegam dos irmãos da Itália, provavelmente não deixavam de lhe fazer. Talvez imaginasse que seriam aquelas costumeiras recomendações para o calmo viver em família, às quais ele seguramente não dava a mínima atenção. Ou ao contrário, seria mais uma carta que traria notícias de pouca importância. Ele iniciou a fazê-la ler, ou pessoalmente a lê-la, tranquilamente.

Desta vez, a carta levou a todos o conhecimento de uma grande desgraça ocorrida ao seu filho primogênito João, aquele no qual tinha depositado todas as suas esperanças de jovem pai, e que quinze anos antes lhe havia dado aquela decepcionante desilusão de não querer ir para a Itália. A carta comunicou a morte do filho João, que tinha apenas 38 anos, morte ocorrida depois de um acidente que lhe aconteceu na serraria de Águas Negras.



Joao Tirloni nell'unico ritratto giunto fino ai giorni nostri (fotografia – anni '10)

Pode também ser que em todos aqueles anos, Alessandro tenha mantido sua raiva para com o filho agora morto, pela escolha que fizera de não seguir o pai para a Itália. Mas com certeza a notícia da sua morte foi um duro e último golpe dado pelo destino ao velho Alessandro, no que diz respeito à sua família!

Um outro duríssimo golpe que fez vacilar o velho Alessandro veio-lhe do Estado da Itália, que o atingiu mesmo no seu interesse mais importante: o dinheiro. Na Itália, pouco mais de dois anos antes da Marcha sobre Roma, havia assumido Benito Mussolini – conhecido como “Il Duce” – e o governo ditatorial fascista iniciava a colocar em ato todas as manobras consideradas necessárias para levar a ganhar força a economia italiana, que estava de joelhos.

Um ponto deveras difícil de superar era o de fazer crescer o poder aquisitivo da moeda italiana. Naquele tempo, a comparação era feita com a Esterlina inglesa, e para comprar uma esterlina eram necessárias pouco mais de 150 liras italianas. O perigoso objetivo fascista foi aquele de valorizar a moeda italiana em 40%, até chegar a um patamar de câmbio igual a 90 liras por uma esterlina. Foi a famosa “Quota 90”!

A política desinflacionária lançada pelo governo nos inícios de 1925 consistia em uma brusca diminuição dos preços, que repercutiria numa imediata diminuição dos preços de todos os produtos de comércio. Isto levou a uma recessão econômica, denunciada inicialmente sobretudo pelos empresários, e que depois repercutiu em

cadeia sobre a economia da população toda. Caindo os preços, caíram os salários e caiu o valor de cada coisa. Isto pesou fortemente sobre a renda e sobre os ganhos do velho Alessandro que vê, em pouco tempo, diminuir sensivelmente todas as suas riquezas.

Alessandro, não obstante tudo isso, chegou a não se dar por vencido totalmente pelos acontecimentos. Graças à sua teimosia e à sua coragem, despertou-se o seu aguçado tino para os negócios e chegou – não se sabe como – a correr às compensações, evitando a bancarrota. Ainda uma vez chegou a emergir das dificuldades e limitar parcialmente os danos, mas infelizmente, para ele, o seu império econômico tinha sido fortemente dizimado.

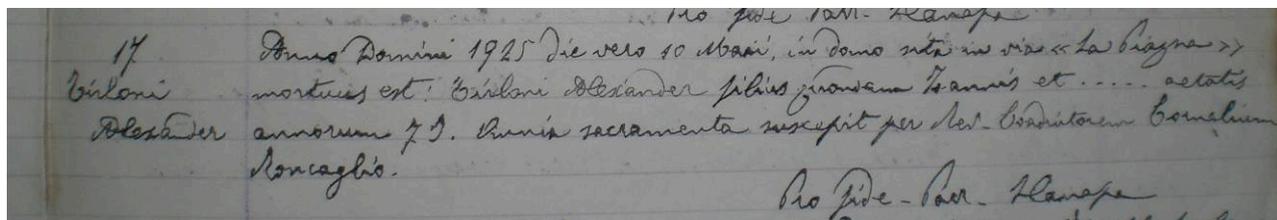
Este ato de força e de coragem seria o último de sua vida. No início do mês de maio, a forte fibra de Alessandro dava os primeiros avisos do eminente comprometimento. Foi acometido de fortes febres que não cediam. Foi a primeira vez que os seus familiares viram o velho genitor enfermo, e logo pareceu claro a todos, inclusive a Alessandro, que a sua sorte estava assinada.

Aquele que até há poucos dias era um homem da têmpera e de coração de aço, agora jazia impotente por dias inteiros, naquele leito, no qual estava acostumado a passar apenas poucas horas noturnas. A sua fragilidade de homem velho emergiu em toda a sua naturalidade e o destinava aos últimos olhares dos seus familiares, em uma veste na qual ninguém até então estava habituado a vê-lo. É agradável pensar que, ao menos naquele momento, todos os rancores com os filhos tenham sido superados pela piedade cristã do extremo momento, e que todos tenham ido a render-lhe a última saudação.

Provavelmente, durante as intermináveis horas transcorridas como moribundo naquele leito, Alessandro chegou a rever toda a sua vida. Por certo, reviu-se como jovem enérgico e carregado de entusiasmo, enquanto zarpava na direção do desconhecido; reviu a baía do rio de Porto Franco onde aportou com as canoas quase meio século antes; reviu a sua gente, aquela com a qual combateu pela emancipação social naquele canto remoto do sul brasileiro. Reviu aquela primeira vez que cruzou o olhar com Elisabetta, a brava mulher que suportou o seu tremendo caráter, e que treze anos antes o havia precedido no além. Repensou, com certeza, em todas as vezes nas quais o seu desenfreado egoísmo fez sofrer aquelas pessoas a ele mais queridas.

Talvez até tivesse chegado a arrepender-se seriamente por todo o mal que fez, por aquela filha que deixou morrer ainda jovem, e talvez tenha pedido perdão a todos os seus filhos, numa extrema tentativa de reabilitação. Talvez tenha chegado a pensar que poderia haver ainda o tempo para remediar algumas coisas... mas já era muito tarde, e estava chegando a hora em que o velho leão precisava zarpar na direção da viagem mais longa, na direção da meta mais desconhecida. A mente se ofuscou e os olhos se perderam nas névoas da breve agonia.

Às 4,30 do dia 9 de maio de 1925, mesmo na hora em que por toda a vida estava acostumado a acordar e iniciar as suas operosas jornadas, o seu forte coração que tinha suportado tantas provas sem mais ceder, para de bater... para sempre. Tinha 72 anos.



Pagine del registro parrocchiale di Covo in cui viene annotata la morte di Alessandro Tirloni (fotografia – anno 2009)

Foi sepultado no cemitério de Covo ao lado da mulher, e os restos mortais dos dois cônjuges jazem ainda agora na mesma tumba da família. Atualmente os seus nomes, comentados por longos e poéticos epitáfios, como aliás se usava na época, não se encontram mais sobre as lápides. Foram tirados nos anos 60 para dar lugar aos nomes de todos os outros descendentes que, neste meio tempo, foram sepultados na tumba da família. Mas permanecem em sua memória as fotografias feitas no mesmo dia no qual posavam para a famosa fotografia da família.



Elisabetta Colombi e Alessandro Tirloni

Analisando a sua vida pode-se bem dizer que aquele filho “capitão”, - não desejado,- de dois camponeses bergamascos, destinado a permanecer para sempre no

anonimato, graças a uma obstinação e a uma força incrível, abriu espaço para ocupar o seu posto na história, e a sua recordação foi destinada a durar ainda por muito tempo.

Deu vida a uma família interminável, e é também mérito seu se, em nossos dias, um pequeno canto do Brasil seja um florescente centro efervescente de vida e de atividades: Botuverá. No momento de sua morte, 3 de seus 12 filhos já o haviam precedido para a eternidade, era avô de 48 netos, e mais outros 10 se lhe seriam unidos no decênio seguinte. Não estamos certos, mas provavelmente era já bisavô, porque no Brasil os netos maiores, filhos de Joana, já eram casados.

Nos dias de hoje, de todos os seus netos permanecem vivos ainda seis, e três destes eram já nascidos no momento de sua morte. O mais velho de todos, João Tirloni, vive no Brasil, o qual, naquele dia da morte de Alessandro tinha nove anos, e ainda lembra da notícia da morte daquele nono que ele nunca havia visto.

A sua descendência é composta de 256 bisnetos, mais de 600 trisnetos e mais de 200 quadrinetos. Agora estão nascendo também os primeiros filhos destes últimos. Um ótimo resultado para um filho de camponeses, destinado a permanecer no anonimato!



Tomba di famiglia Tirloni nel cimitero di Covo (fotografia – anno 2009)